

# Boletim de Conjuntura

DISTRITO FEDERAL

---

Número 08 - 1º trimestre de 2019

**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL**

**Ibaneis Rocha**  
Governador

**Marcus Vinicius Britto**  
Vice-Governador

SECRETARIA DE ESTADO DE FAZENDA, PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO  
E GESTÃO DO DISTRITO FEDERAL - SEFP/DF

**André Clemente Lara de Oliveira**  
Secretário

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL - CODEPLAN

**Jeansley Lima**  
Presidente

**Juliana Dias Guerra Nelson Ferreira Cruz**  
Diretor Administrativo e Financeiro

**Bruno de Oliveira Cruz**  
Diretor de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas

**Daienne Amaral Machado**  
Diretor de Estudos e Políticas Sociais

**Erika Winge**  
Diretor de Estudos Urbanos e Ambientais

---

**EQUIPE RESPONSÁVEL**

**Diretoria de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas| DIEPS**  
*Diretor* - Bruno de Oliveira Cruz

**Gerência de Contas e Estudos Setoriais - Gecon**  
Clarissa Jahns Schlabit  
Carlos Alberto Reis  
Euripedes Regina Rodrigues de Oliveira  
João Renato Lerípio Gomes  
Sandra Regina Andrade Silva

**Gerência de Estudos Regional e Metropolitano - Gerem**  
Larissa Maria Nocko  
Henrique de Mello Assunção  
*Estagiário* - Renato Costa Coitinho

**Revisão e copidesque** - Eliane Menezes

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

SEÇÃO I – ANÁLISE DE PREÇOS

SEÇÃO II - MERCADO DE TRABALHO

SEÇÃO III – ECONOMIA BRASILEIRA

SEÇÃO IV – ATIVIDADE ECONÔMICA DO DF

SEÇÃO V – PROJEÇÕES

# Introdução

Esta é a oitava edição do *Boletim de Conjuntura do Distrito Federal*, consolidando o trabalho de acompanhamento econômico que a Codeplan vem realizando. O Boletim refere-se ao primeiro trimestre de 2019, oferecendo uma visão ampla do comportamento da atividade econômica no Distrito Federal. A defasagem de quase três meses se faz necessária para compatibilizar os dados econômicos do Distrito Federal e apresentar um quadro completo da economia no período avaliado. Contudo a Codeplan acompanha e analisa em outras publicações variáveis econômicas mais recentes já disponibilizadas, como é o caso do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/Brasília) e da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED).

O objetivo do Boletim, além de dar publicidade aos dados mais recentes do Índice de Desempenho Econômico do Distrito Federal (Idecon/DF), é o de contextualizar o desempenho das atividades econômicas do DF com demais agregados econômicos locais e nacionais, compondo um quadro macroeconômico mais amplo.

Quando se analisam os números da economia do Distrito Federal no primeiro trimestre de 2019, é possível perceber que a atividade econômica continua em recuperação, embora os números de abril e maio já indiquem uma desaceleração. Além disso, o cenário ainda se mostra recessivo em alguns segmentos importantes, porém o resultado oferece um quadro geral positivo do desempenho econômico nos primeiros três meses do ano. O mercado de trabalho, em especial, a despeito de efeitos sazonais do primeiro trimestre, tem apresentado comportamento tímido, com nível de desemprego ainda em níveis bastante elevados.

A partir de 2019, as seções do *Boletim de Conjuntura do Distrito Federal* serão divulgadas à medida que os indicadores se tornarem disponíveis, oferecendo uma análise mais recente e imediata da economia do Distrito Federal. Desta forma, esta análise de conjuntura se estrutura com uma primeira seção avaliando os preços locais, por meio da análise do IPCA e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Em seguida, são apresentados os resultados do mercado de trabalho do DF, com números que advêm da PED e do banco de registros administrativos do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério da Economia. Após a análise desses dois blocos que auxiliam a sinalizar como a economia comportou-se no trimestre, é a vez de olhar para o Brasil e contextualizar os acontecimentos locais com a conjuntura nacional. A análise da economia do Distrito Federal é, então, realizada, utilizando-se do Idecon-DF, calculado com metodologia própria da Codeplan, e de pesquisas mensais de serviços e comércio, coletadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por fim, é oferecida uma seção que apresenta algumas projeções de variáveis econômicas selecionadas, com o objetivo de olhar, também, para o futuro e identificar o caminho que se está seguindo.

Além disso, desde a última edição, tem sido publicada uma seção complementar, que é, também, interativa, localizada no *Blog de Conjuntura do Distrito Federal* (<http://economia.codeplan.df.gov.br>). Nesta seção complementar, é oferecida uma avaliação do quadro fiscal do Governo do Distrito Federal, com base em relatórios oficiais que são divulgados bimestral e/ou quadrimestralmente.

# Seção I

## Análise de Preços<sup>1</sup>

### 1. Sumário

No primeiro trimestre de 2019, a inflação em Brasília avançou em relação ao observado no último trimestre do ano passado – 0,80% ante 0,30%. Em particular, este movimento refletiu reajustes sazonais típicos do início de ano e também choques em setores específicos. Sob este aspecto, cabe destacar o avanço mais expressivo de itens do subgrupo alimentação no domicílio. Em contrapartida, vale mencionar o recuo de itens importantes para a cesta local, como passagens aéreas (-14,4%) e gasolina (-1,11%). Na comparação com as demais regiões pesquisadas pelo IBGE, Brasília permaneceu com o menor avanço no acumulado de janeiro a março. Já no acumulado em doze meses, a inflação segue abaixo do centro da meta perseguida pelo Banco Central.

A expectativa do mercado é que a inflação no Brasil encerre 2019 em 4,0%, mesmo valor projetado no início do ano e abaixo do centro da meta definida em 4,25%.<sup>2</sup> Isto reflete a confiança dos agentes na reversão dos choques observados no primeiro trimestre. Entretanto, é importante ressaltar que o intervalo das projeções se deslocou, contemplando valores um pouco acima daqueles divulgados em janeiro. Em outras palavras, houve um ligeiro incremento na incerteza acerca das projeções. De toda maneira, dado que os núcleos seguem comportados e existe ampla capacidade ociosa na economia, a inflação não deve ser um vetor de preocupação este ano.

### 2. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA

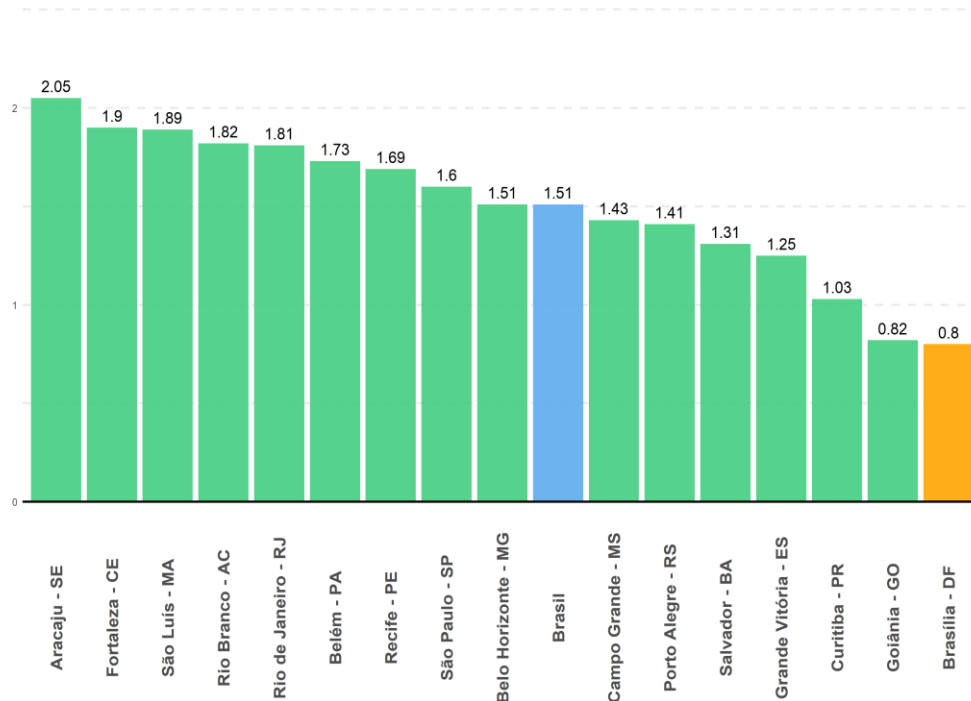
Após registrar variação de 0,30% no acumulado do último trimestre de 2018, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/IBGE) para o Distrito Federal avançou 0,80% entre janeiro e março de 2019. O resultado é o menor entre as regiões pesquisadas pelo IBGE, seguido de perto

<sup>1</sup> Esta seção faz parte do Boletim de Conjuntura do Distrito Federal, divulgado com informações econômicas trimestrais sobre a região. A partir de 2019, as seções serão divulgadas à medida que os indicadores se tornarem disponíveis, oferecendo uma análise mais recente.

<sup>2</sup> Boletim FOCUS do Banco Central do Brasil - Mediana das expectativas do mercado - 18 de abril de 2019.

apenas por Goiânia, com inflação de 0,82% no mesmo período. Na média nacional, o avanço foi de 1,51% (Gráfico 1).

**Gráfico 01** - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – Variação acumulada no trimestre (%) - Brasil e regiões – março de 2019.



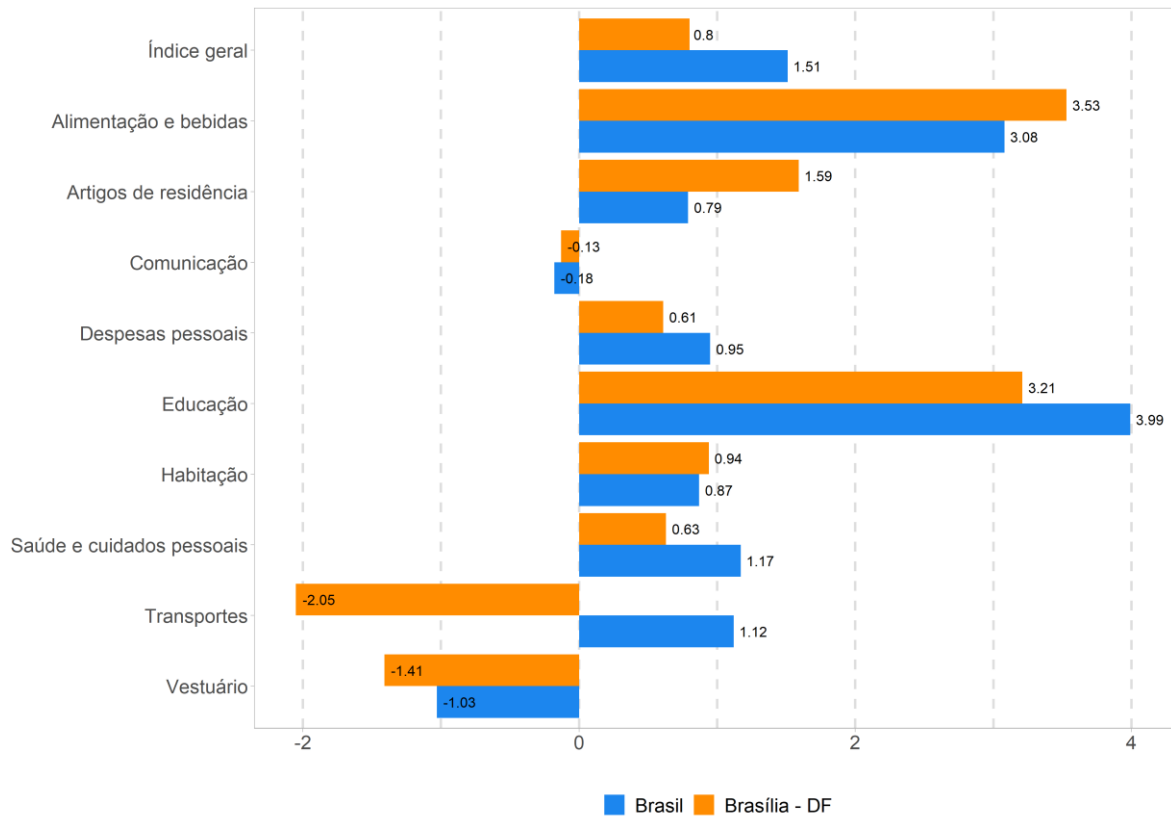
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE.

O resultado do primeiro trimestre no Distrito Federal refletiu, em grande medida, o comportamento dos grupos *Alimentação e Bebidas* (3,52%), *Artigos de residência* (1,59%) e *Educação* (3,21%). No grupo *Alimentação e Bebidas*, o grande destaque foi a elevação de 113,7% no preço do *Feijão carioca*, seguido da *Batata-inglesa* que registrou aumento de 50,1%. Somados, os dois itens contribuíram com 0,39 pp para o índice geral do trimestre. Esse movimento reflete, em boa medida, o período de chuvas mais intenso, que fez com que a oferta no mercado diminuísse.

No grupo *Artigos de residência*, contribuiu mais intensamente o avanço de 2,25% dos aparelhos eletroeletrônicos. Em boa parte, este movimento refletiu a recomposição de preços após as quedas observadas nos últimos meses de 2018 devido à Black Friday e às promoções de fim de ano. Os grandes destaques foram *refrigerador* (6,58%), *microcomputador* (2,93%) e *aparelho de som* (1,83%).

O grupo *Educação*, por sua vez, apresenta comportamento sazonal de avanço no primeiro trimestre em virtude de reajustes em mensalidades escolares e cursos. Todavia, cabe notar que o avanço 3,21% foi inferior àquele registrado no primeiro trimestre do ano anterior (3,37%).

**Gráfico 02** - IPCA - Variação acumulada no trimestre (%) de cada grupo - Brasília - março de 2019.



Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE.

No sentido oposto, o grande destaque foi o grupo *Transportes*. Com deflação de 2,05% em Brasília, o resultado apresentou comportamento distinto do verificado a nível nacional, onde houve avanço de 1,12%. Por um lado, passagem aérea e gasolina – itens com maior peso na cesta de consumo local – apresentaram recuos mais acentuados em Brasília: -14,48% e -1,11%, respectivamente, contra -13,79% e -0,85%. Entretanto, foi decisivo para o resultado o avanço de 5,15% da tarifa de *ônibus urbano* na média nacional, ao passo que em Brasília não houve reajustes no período. Sob este aspecto, vale ressaltar que o reajuste das tarifas de ônibus é típico dos primeiros meses do ano e em Brasília o último reajuste foi em fevereiro de 2017, o que tem contribuído para amortecer os resultados do grupo ao longo de 2018 e neste início de 2019.

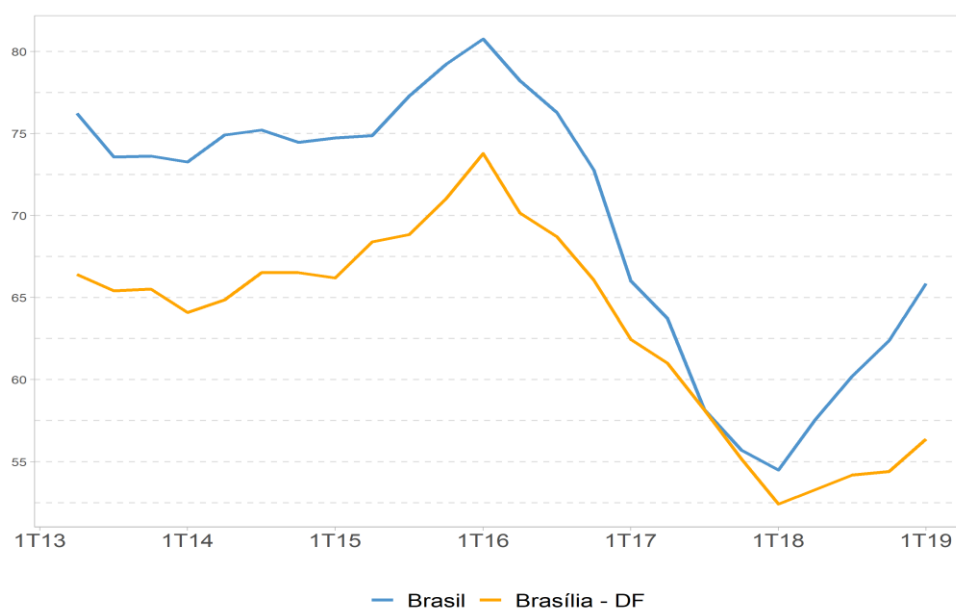
**Tabela 01** - IPCA - subitens com as maiores (vermelho) e menores (verde) variações - variação acumulada no trimestre e contribuição no trimestre - Brasília – março de 2019.

Item	Varição	Contribuição
Feijão - carioca (rajado)	113.74	0.31
Batata-inglesa	50.14	0.08
Condomínio	3.14	0.07
Energia elétrica residencial	2.11	0.07
Plano de saúde	2.42	0.07
Ônibus interestadual	-8.50	-0.04
Blusa	-7.21	-0.05
Gasolina	-1.11	-0.06
Cigarro	-8.31	-0.06
Passagem aérea	-14.47	-0.35

Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

O índice de difusão, que computa a parcela dos itens que registraram variação positiva, aponta elevação na passagem do último trimestre de 2018 para o primeiro trimestre de 2019 (Gráfico 3). Mais especificamente, contribuiu para este avanço o comportamento de alta verificado em grande parte dos itens do grupo alimentação no domicílio. Estes itens, como observado anteriormente, sofreram forte pressão devido ao excesso de chuvas no primeiro trimestre. Apesar disso, o indicador para Brasília é cerca de 10 pp inferior ao observado a nível nacional, o que mostra um avanço menos disseminado dos preços na região.

**Gráfico 03** - IPCA - Índice de difusão (%) - Média móvel de 4 trimestres - Brasil e Brasília.



Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE.



A análise da trajetória do IPCA ao longo dos últimos 12 meses revela que a inflação seguiu em patamar compatível com a meta perseguida pelo Banco Central. Tanto no âmbito regional como no nacional houve avanço do indicador, porém Brasília permaneceu abaixo do centro da meta enquanto no Brasil esta foi ligeiramente superada. Entretanto, este resultado reflete, em grande medida, fatores temporários – como no caso dos alimentos –, que devem sofrer acomodação ao longo do ano. Adicionalmente, a capacidade ociosa na economia deve continuar contribuindo para que a trajetória dos preços siga comportada.

**Gráfico 04** - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - Brasília/DF e Brasil - Variação acumulada em doze meses (%).



Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

A este respeito, cabe notar que a medida de núcleo por média aparada suavizada – a qual retira do índice original os itens com as maiores e as menores variações em cada mês e suaviza as variações dos itens administrados<sup>3</sup> – apresentou crescimento modesto nos últimos meses. Isto ratifica a conclusão de que, apesar das variações terem sido mais disseminadas, aquelas que registraram maior magnitude foram concentradas em um conjunto menor de itens.

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre a construção deste indicador, ver a Nota Técnica “Medidas de Núcleo para a Inflação de Brasília”. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/NT-Medidas-de-N%C3%BAcleo-de-Infla%C3%A7%C3%A3o-para-Bras%C3%ADlia.pdf>

**Gráfico 05** - IPCA - Índice original e núcleo por média aparada suavizada - Variação acumulada em 12 meses (%) – Brasília.



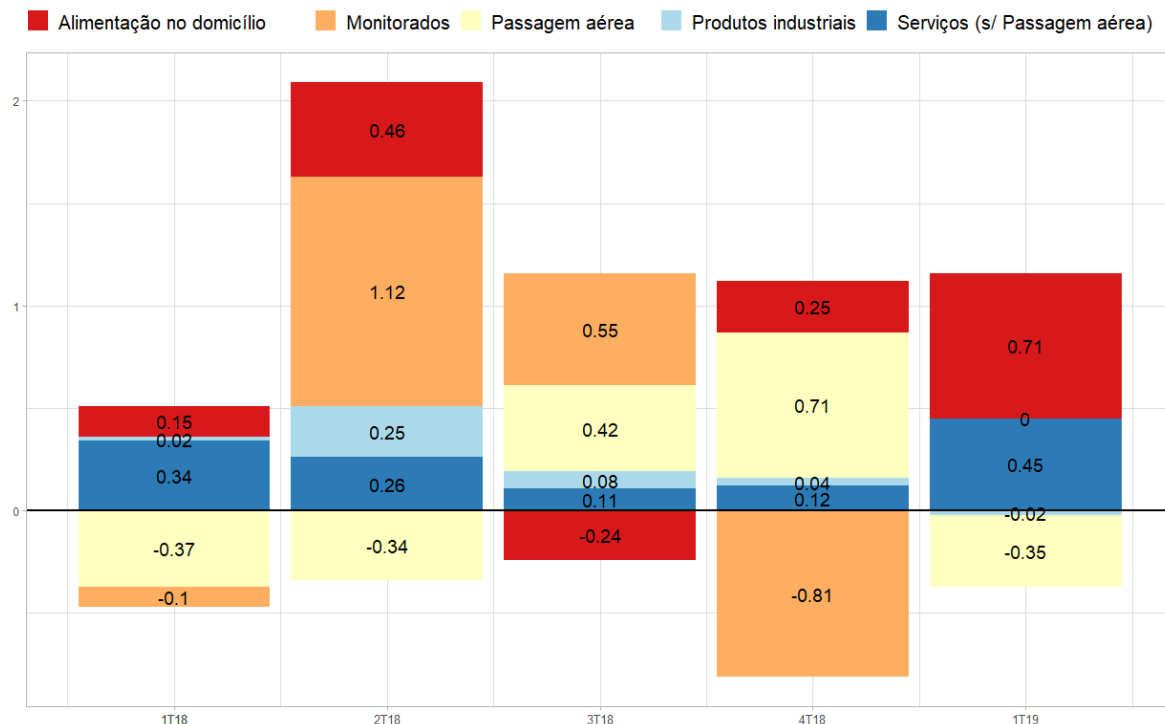
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

Por fim, a análise da evolução de segmentos selecionados do IPCA no Gráfico 06 deixa claro que o grupo *alimentação no domicílio* apresentou a maior contribuição entre as categorias analisadas.<sup>4</sup> Por outro lado, ao contrário do verificado em trimestres anteriores, a contribuição dos monitorados foi nula. Este resultado é explicado, em grande parte, pelo recuo da gasolina (-1,11%) compensando o avanço na energia elétrica (2,11%).<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Os itens utilizados para construir os segmentos estão descritos no box “Atualizações das Estruturas de Ponderação do IPCA e do INPC e das Classificações do IPCA” do Relatório Trimestral de Inflação de Dezembro de 2011, divulgado pelo Banco Central do Brasil. Em especial, o segmento de produtos industriais é a soma dos segmentos de duráveis, semiduráveis e não-duráveis.  
Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2011/12/ri201112b3p.pdf>.

<sup>5</sup> Apesar de maior variação, a energia elétrica apresentou peso médio de 3,44% no período, ao passo que a gasolina apresentou peso médio de 5,57%.

**Gráfico 06** - IPCA por segmentos selecionados - Variação acumulada no trimestre (pp) - Brasília - 1º trimestre 2018 a 1º trimestre de 2019.



Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

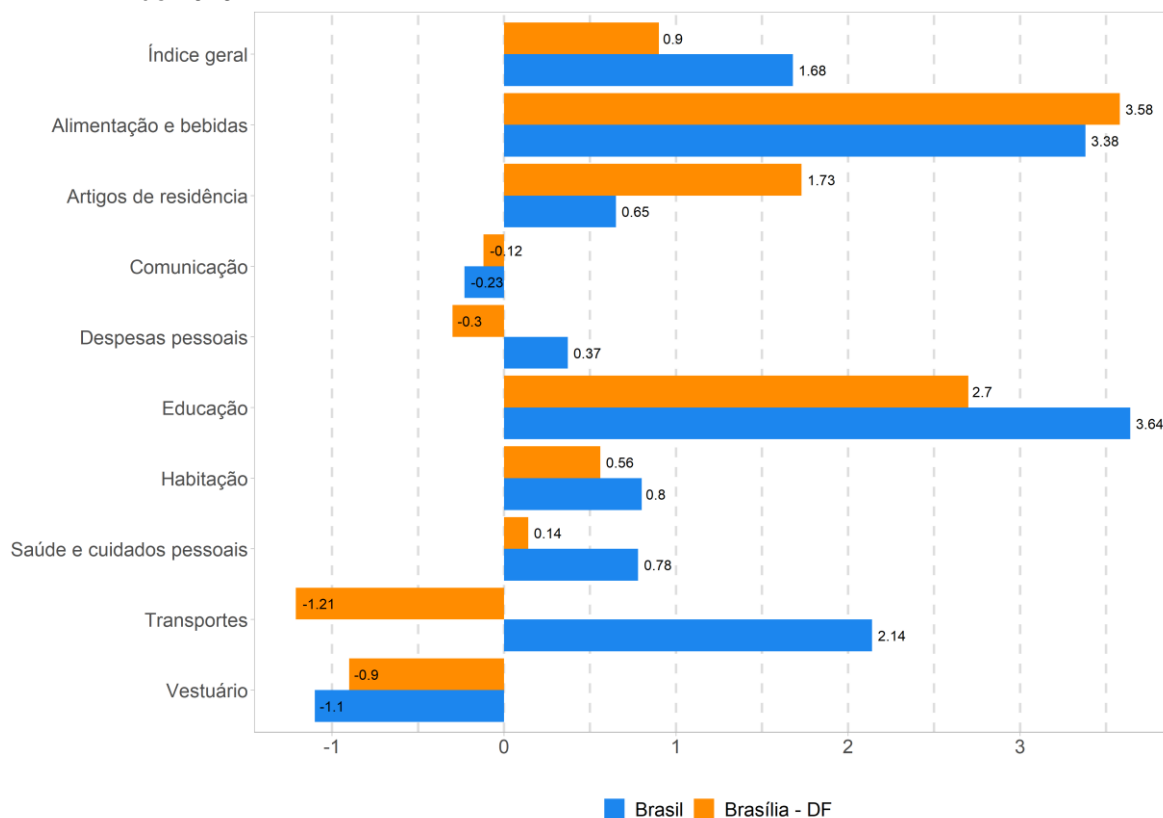
### 3. Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC

O INPC – índice que calcula a variação dos preços para uma cesta representativa de consumidores com renda domiciliar entre um e cinco salários mínimos – apresentou avanço de 0,90% no primeiro trimestre de 2019, acima, portanto, daquela registrada pelo IPCA (0,80%). O resultado difere do observado nos dois trimestres anteriores, quando o INPC ficou abaixo do IPCA.

Em grande parte, isto reflete o avanço de itens mais sensíveis no INPC, com os itens do subgrupo alimentação no domicílio e a energia elétrica, e o recuo de itens menos sensíveis como gasolina e passagens aéreas. Isto pode ser verificado no Gráfico 08, que apresenta a variação dos grupos que compõem o indicador. Em particular, o INPC apresentou elevação mais expressiva no grupo *Alimentação e bebidas* (3,58% contra 3,53% no IPCA) e recuo menos acentuado no grupo *Transportes* (-1,21% contra -2,05% no IPCA).

Ademais, como pode ser verificado em maior detalhe na Tabela 02, os cinco itens com maior contribuição para o INPC do período estão relacionados à alimentação e à energia elétrica. Por outro lado, a passagem aérea contribuiu com apenas 0,09 p.p para a redução do índice geral, ao passo que no IPCA esta contribuição foi de -0,35 p.p.

**Gráfico 08** - INPC - Índice geral e grupos - Brasília e Brasil - Acumulado no trimestre (%) – março de 2019.



Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

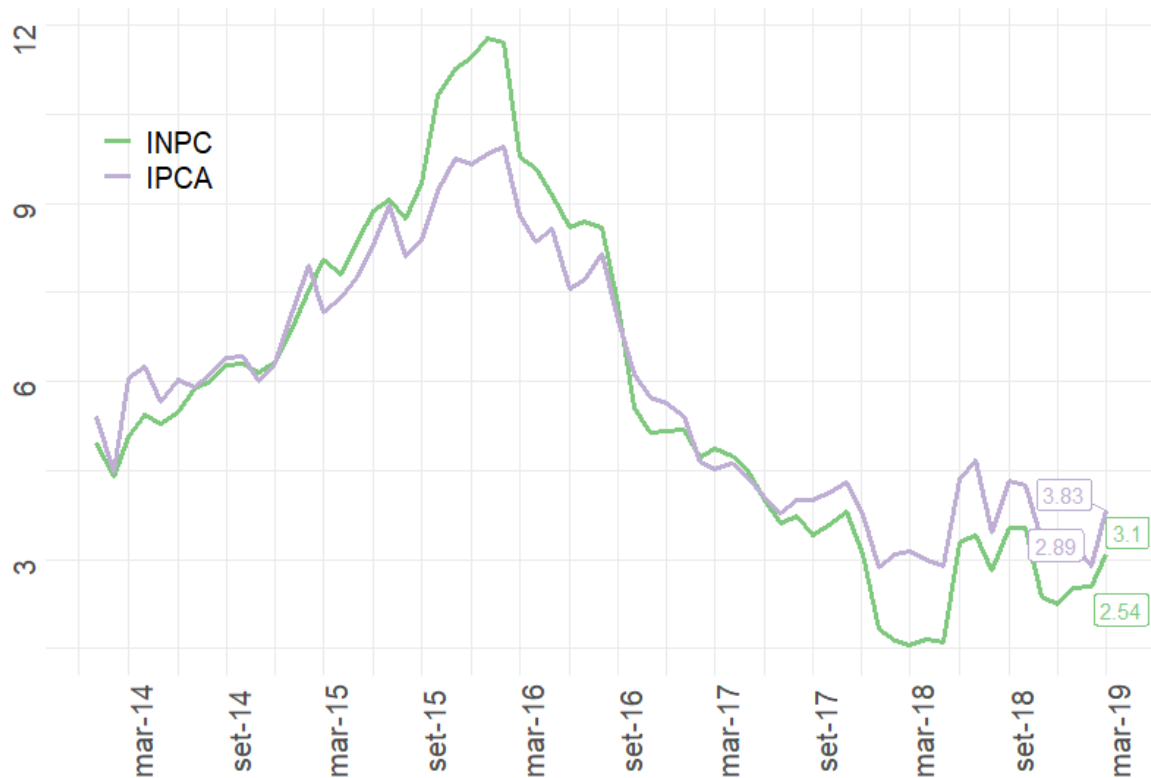
**Tabela 02** - INPC - subitens com as maiores (vermelho) e menores (verde) variações - Brasília/ DF - Variação acumulada no trimestre e contribuição no trimestre – março de 2019.

Item	Varição	Contribuição
Feijão - carioca (rajado)	113.74	0.28
Batata-inglesa	50.14	0.12
Energia elétrica residencial	2.05	0.10
Costela	9.67	0.07
Banana - prata	25.44	0.06
Gasolina	-1.11	-0.04
Tomate	-12.39	-0.05
Ônibus interestadual	-8.50	-0.07
Passagem aérea	-14.47	-0.09
Cigarro	-8.31	-0.09

Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

Apesar do maior valor registrado no primeiro trimestre em relação ao IPCA, o INPC segue abaixo do IPCA quando comparado em horizonte relevante. Mais especificamente, no acumulado dos últimos doze meses até março, o IPCA registrou avanço de 3,83% enquanto o INPC registrou avanço de 3,10%. Esse padrão teve início de maneira mais consistente em maio de 2017 e indica que a pressão sobre o orçamento das famílias de renda mais baixa tem sido menor desde então.

**Gráfico 09** - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e - Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) - Brasília/DF - Variação acumulada em doze meses (%).



Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan com dados do IBGE

## Seção II

### Mercado de Trabalho<sup>1</sup>

#### 1. Sumário

A leitura dos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) referentes ao primeiro trimestre de 2019 mostra um quadro menos favorável que o observado no trimestre anterior. Porém, quando se analisa a taxa de desemprego controlando pela sazonalidade do período, observa-se que houve estabilidade, com uma redução de 0,2pp entre o 4º trimestre de 2018 e o primeiro de 2019 (Gráfico 1). Contudo essa estabilidade adveio de uma combinação de redução da taxa de participação, aumento dos postos no setor público e redução pronunciada no número de ocupados no setor privado (Tabela 1).

Os registros do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE) mostram um quadro um pouco diferente, com a criação de quase cinco mil postos de trabalho formal no primeiro trimestre do ano. No entanto, na comparação desse resultado com o mesmo período do ano anterior, houve uma redução do número de postos criados no período, indicando uma desaceleração do processo de recuperação do mercado formal de trabalho – já identificada em trimestres anteriores (Gráfico 5).

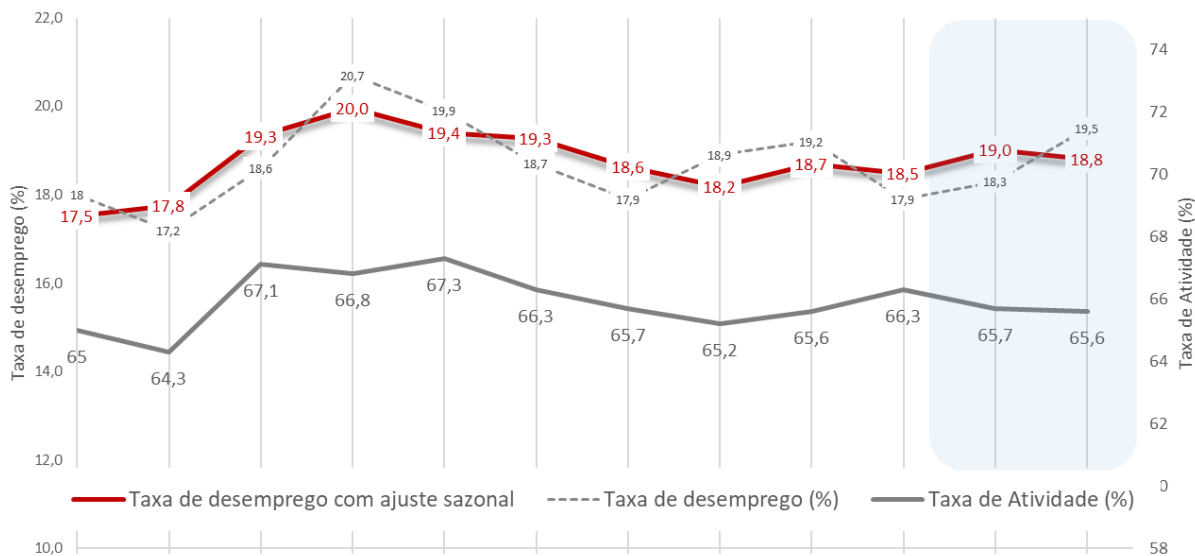
#### 2. Pesquisa do Emprego e Desemprego - PED

A taxa de desemprego medida pela PED foi de 18,8% no trimestre móvel encerrado em março de 2019 ante 19,0% de dezembro de 2018, descontados os efeitos sazonais. Apesar dessa estabilidade, o resultado é maior do que o registrado no início do ano passado, com o mercado absorvendo a piora registrada no final de 2018.

---

<sup>1</sup> Esta seção faz parte do Boletim de Conjuntura do Distrito Federal, divulgado com informações econômicas trimestrais sobre a região. A partir de 2019, as seções serão divulgadas à medida que os indicadores se tornarem disponíveis, oferecendo uma análise mais recente.

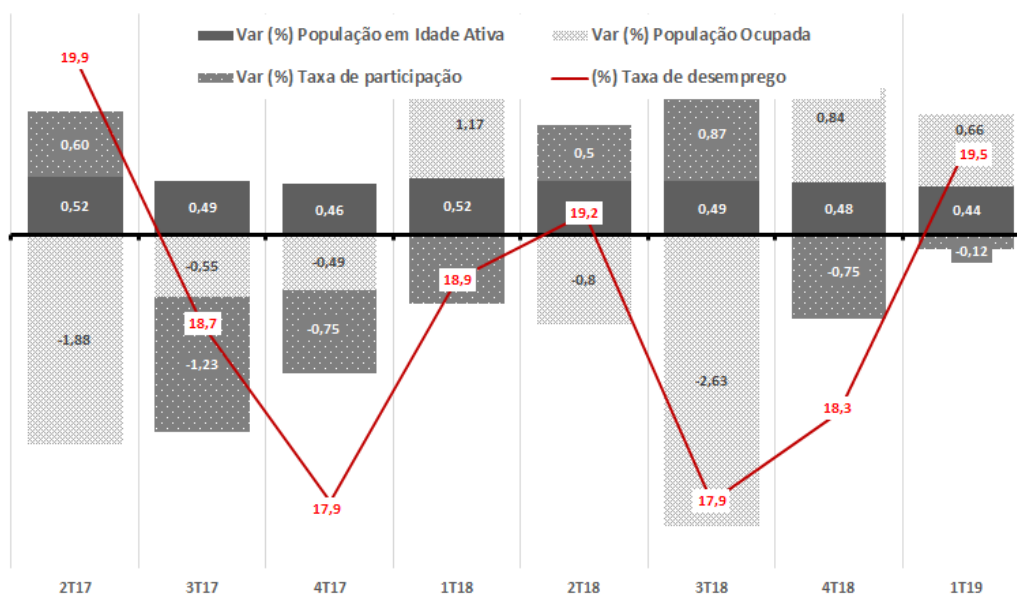
**Gráfico 1 - Taxa de desocupação - Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) - 1º trimestre de 2016 a 1º trimestre de 2019 - (%) - Distrito Federal**



Fonte: Pesquisa do Emprego e Desemprego (PED) - Distrito Federal. Convênio Seatrab-GDF, Codeplan, Seade-SP e Dieese Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan. Ajuste sazonal realizado pelo método X13-Arima.

O exercício de decomposição (Gráfico 2) revela que a redução no número de ocupados contribuiu com 0,66 pp para a elevação na taxa de desemprego entre o quarto trimestre de 2018, e o primeiro de 2019. A redução na taxa de participação atenuou muito pouco o efeito, com contribuição de -0,12 pp. Em outras palavras, o aumento da taxa de desemprego ocorreu principalmente porque houve diminuição do número de ocupados, sinalizando uma redução da demanda por trabalho.

**Gráfico 2 - PED: decomposição da variação na taxa de desemprego - 2º trimestre de 2017 a 1º trimestre de 2019 - Contribuição em pp. - Distrito Federal**



Fonte: Pesquisa do Emprego e Desemprego (PED) - Distrito Federal. Convênio Seatrab-GDF, Codeplan, Seade-SP e Dieese Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

No que diz respeito à composição, cabe destacar que a redução no número de ocupados com carteira assinada (-17 mil) e sem carteira assinada (-2 mil) diminuiu bastante

o mercado de trabalho do setor privado do Distrito Federal. Contudo, houve uma movimentação positiva no setor público, com 8 mil vagas a mais, e entre os empregados domésticos, com 12 mil pessoas empregadas nessa categoria – este aumento pode estar sinalizando precarização do mercado de trabalho. A Tabela 1 apresenta os resultados em detalhe.

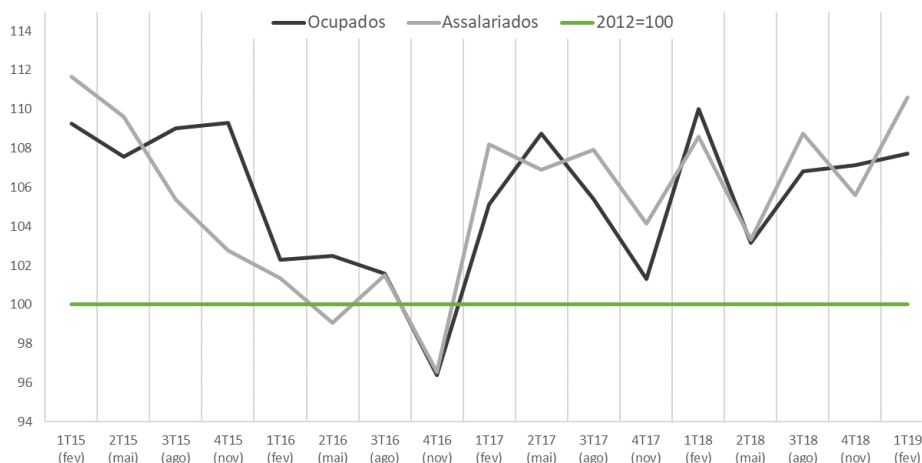
**Tabela 1** - Pesquisa do Emprego e Desemprego (PED) – março 2019 – Mil pessoas - Distrito Federal

	1T18	4t18	1t19	Diferença 1T19/1T18	Diferença 1T19/4T18
<b>Indicadores (em mil pessoas)</b>					
<i>População</i>					
Em idade ativa	2.494	2.548	2.553	59	5
Economicamente ativa	1625	1679	1675	50	-4
Ocupados	1318	1364	1350	32	-14
Desempregados	307	314	326	19	12
Inativos com 14 anos ou mais	869	870	878	9	8
<i>Posição na ocupação</i>					
Total de ocupados	1.318	1.361	1.350	32	-11
Total de assalariados	949	980	969	20	-11
Setor privado	646	690	670	24	-20
Com carteira assinada	546	577	560	14	-17
Sem carteira assinada	100	113	111	11	-2
Setor público	303	290	298	-5	8
Autônomos	181	200	192	11	-8
Empregados domésticos	82	78	90	8	12
Demais posições	106	103	99	-7	-4

Fonte: Pesquisa do Emprego e Desemprego (PED) - Distrito Federal. Convênio Seatrab-GDF, Codeplan, Seade-SP e Dieese  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Quanto aos rendimentos, o Gráfico 3 mostra que tem havido uma leve recuperação na massa salarial do Distrito Federal desde o terceiro trimestre de 2018. É possível perceber também, que a massa de rendimentos cresceu mais entre os assalariados do que entre todos os ocupados.

**Gráfico 3** - Índices da Massa de Rendimentos Reais dos Ocupados e dos Assalariados – Trimestre – 2015 a 2019 – Distrito Federal

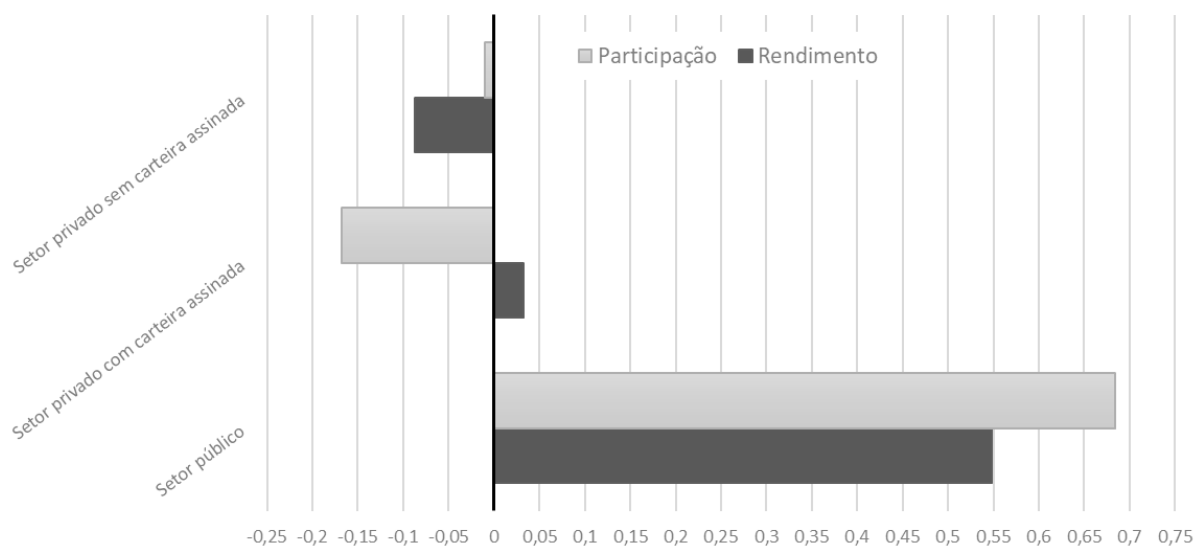


Fonte: Pesquisa do Emprego e Desemprego (PED) - Distrito Federal. Convênio Seatrab-GDF, Codeplan, Seade-SP e Dieese; Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan



Essa variação mais pronunciada da massa salarial entre os assalariados foi decomposta e seus resultados estão no Gráfico 4. O exercício aponta o setor público como responsável pelo aumento da massa, seja pelo aumento do número de ocupados no setor, seja porque houve aumento do rendimento médio. Como o grupo representa grande parcela do total de ocupados e possui rendimento médio superior ao das demais categorias, variações tanto no número de empregados quanto no rendimento afetam significativamente o rendimento médio do total de assalariados.

**Gráfico 4** - PED: decomposição da variação no rendimento médio dos ocupados – Fevereiro/2019 ante novembro/2018 - Contribuição em pp. - Distrito Federal

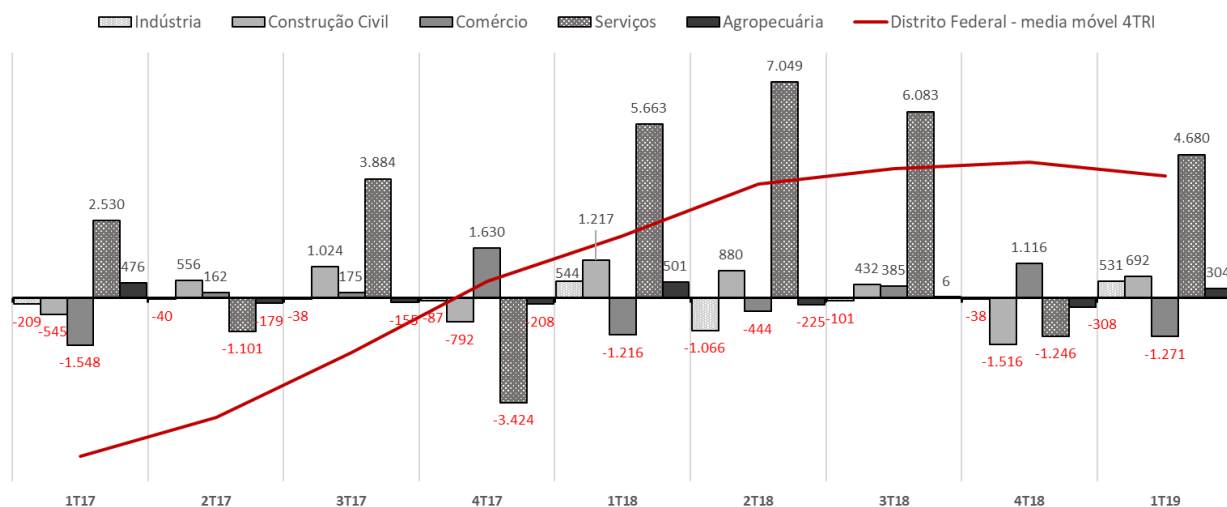


Fonte: Pesquisa do Emprego e Desemprego (PED) - Distrito Federal. Convênio Seatrab-GDF, Codeplan, Seade-SP e Dieese; Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

### 3. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED (MTE)

Os registros do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE) no entanto, não ratificam o melhor desempenho do setor privado formal. O número de desligamentos foi inferior ao de admitidos no primeiro trimestre do ano. Porém, o resultado foi pior do que o registrado no mesmo período do ano anterior. Ademais, a média móvel de quatro trimestres mostra uma desaceleração da trajetória de recuperação do mercado de trabalho do DF (Gráfico 5). O comércio registrou retração pelo segundo trimestre seguido, porém, o Setor de Serviços continua a criar empregos formais.

**Gráfico 5 - CAGED - Saldo entre admitidos (+1) e demitidos (-1) por grandes setores e média móvel de 4 trimestres do saldo total - Distrito Federal - 1º trimestre de 2017 T2 a 1º trimestre de 2019**

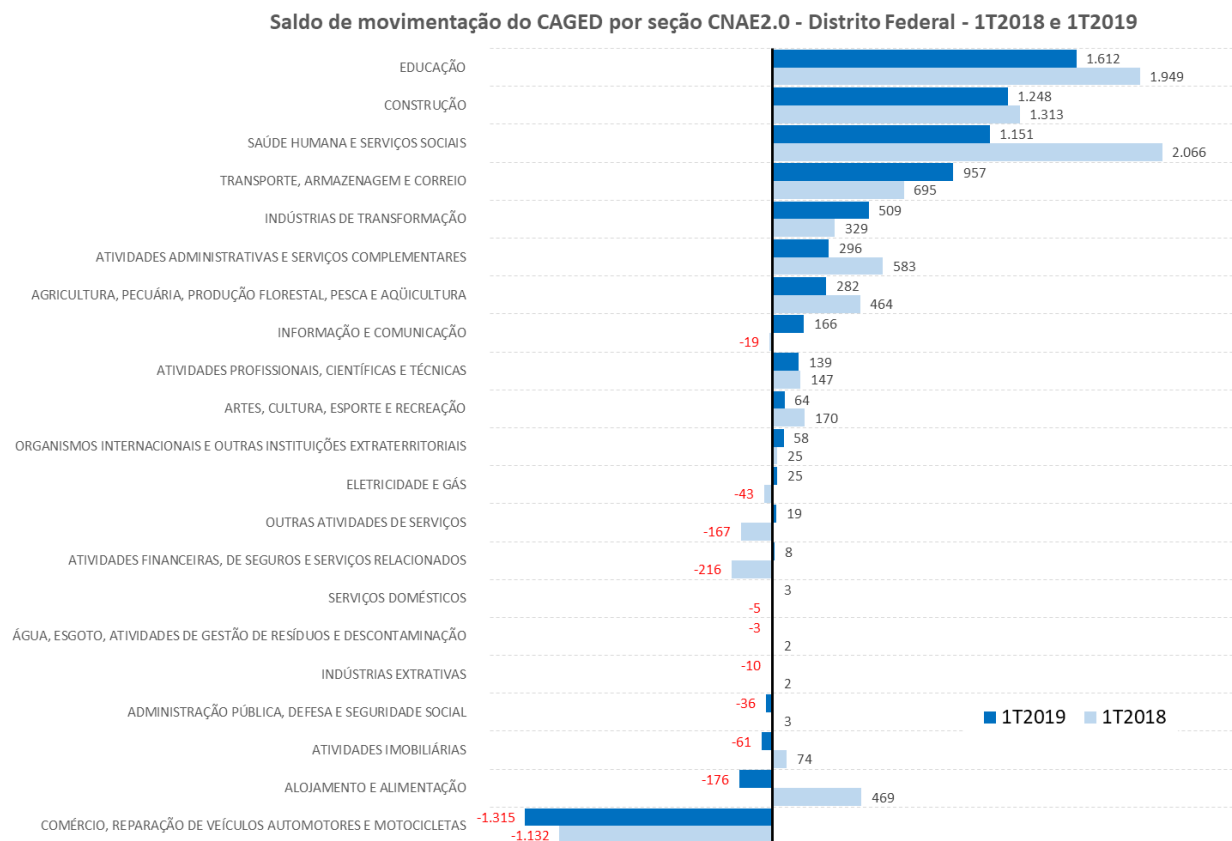


Fonte: CAGED/Ministério da Economia; Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Poucas foram as categorias que apresentaram avanço no trimestre frente ao mesmo trimestre do ano anterior, destacam-se *Transporte, armazenagem e correios*, as *Atividades financeiras e de seguros*, e *Informação e comunicação*. No entanto, em termos de saldo de criação de empregos formais no trimestre, os destaques são: *Educação* (+1.612), *Construção* (+1.248) e *Saúde humana e serviços sociais* (+1.151). De maneira geral, 15 das 21 atividades analisadas apresentaram resultados positivos, porém somente oito segmentos registraram desempenho melhor do que o primeiro trimestre de 2018. (Gráfico 6).

Em síntese, o mercado de trabalho no Distrito Federal começou 2019 com taxa de desemprego acima daquela verificada no mesmo período em 2018 – 18,8% contra 18,2%, respectivamente, na série com ajuste sazonal. A taxa de participação permaneceu praticamente estável, mas o número de novos postos foi insuficiente para absorver o crescimento natural da demanda por vagas. Os destaques, nesta base de comparação, são a redução modesta do total de empregados no setor público e o aumento mais pronunciado dos empregados com carteira assinada. Este bom desempenho do setor privado formal é ratificado pelos dados do CAGED, que mostra que houve, sim, criação de postos de trabalho formais, porém abaixo do mesmo trimestre, ratificando a tendência já identificada anteriormente de desaceleração da trajetória de recuperação do mercado de trabalho.

**Gráfico 6 - CAGED - Saldo entre admitidos (+1) e demitidos (-1) - Distrito Federal**



Fonte: CAGED/Ministério da Economia; Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

## Seção III

### Economia brasileira<sup>1</sup>

#### 1. Sumário

A leitura dos dados do PIB mostra retração da atividade no primeiro trimestre do ano. Pelo lado da oferta, pesaram para o resultado a queda na indústria (-0,6%) e o baixo crescimento dos serviços (0,2%). Pelo lado da demanda, destaque para o recuo do investimento e o avanço modesto do consumo das famílias (0,3%). A mediana das expectativas de mercado, por sua vez, aponta para um crescimento em 2019 pouco acima de 1,0%. Este quadro é agravado pelo fato de que a economia brasileira passou recentemente por uma longa e profunda recessão da qual ainda não conseguiu se recuperar.

O mercado de trabalho reflete o baixo dinamismo da economia, com taxa de desemprego ainda elevada (12,7%) e geração de ocupações inferior àquela registrada no mesmo período do ano passado.

No que diz respeito aos preços, o IPCA registrou avanço no primeiro quadrimestre do ano. Em grande medida, este movimento refletiu o comportamento do grupo alimentação e bebidas, impactado, sobretudo, pelo excesso de chuvas do início do ano. Entretanto cabe notar que as medidas de núcleo seguem comportadas, com evolução bem mais modesta do que aquela observada no índice cheio.

---

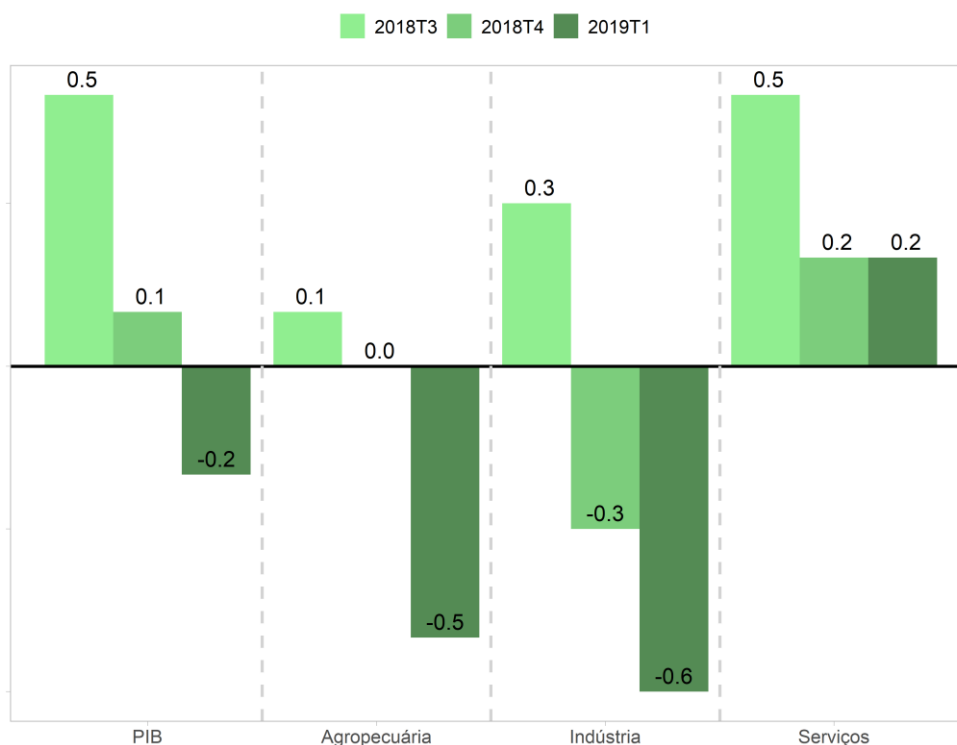
<sup>1</sup> Esta seção faz parte do *Boletim de Conjuntura do Distrito Federal*, divulgado com informações econômicas trimestrais sobre a região. A partir de 2019, as seções serão divulgadas à medida que os indicadores se tornarem disponíveis, oferecendo uma análise mais recente.

## 2. Nível de atividade

Os dados das contas nacionais, divulgados pelo IBGE no dia 30 de maio, mostram retração da atividade no primeiro trimestre de 2019. Mais especificamente, o Produto Interno Bruto (PIB) recuou 0,2% em relação ao último trimestre do ano passado, descontados os efeitos sazonais. Em certa medida, a contração do PIB no primeiro trimestre já era esperada, uma vez que a leitura de indicadores coincidentes, como o IBC-Br do Banco Central, já apontava retração nos primeiros três meses do ano – cerca de 0,7% no acumulado de janeiro a março na comparação com o acumulado de outubro a dezembro.

Pela ótica da produção, o resultado foi reflexo do recuo na indústria (-0,6%), fortemente influenciado pelas contrações da indústria extrativa (-6,3%) e da construção (-2,0%). A indústria de transformação também apresentou desempenho ruim no trimestre, com retração de 0,5%. Somente a atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos apresentou avanço no período (1,4%). Cabe notar ainda que, apesar do grande peso na economia, o modesto avanço no setor de serviços (0,2%) foi insuficiente para colocar a atividade em terreno positivo.

**Gráfico 01** - Crescimento do Produto Interno Bruto: ótica da produção - Brasil - Variação no trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%) – com ajuste sazonal

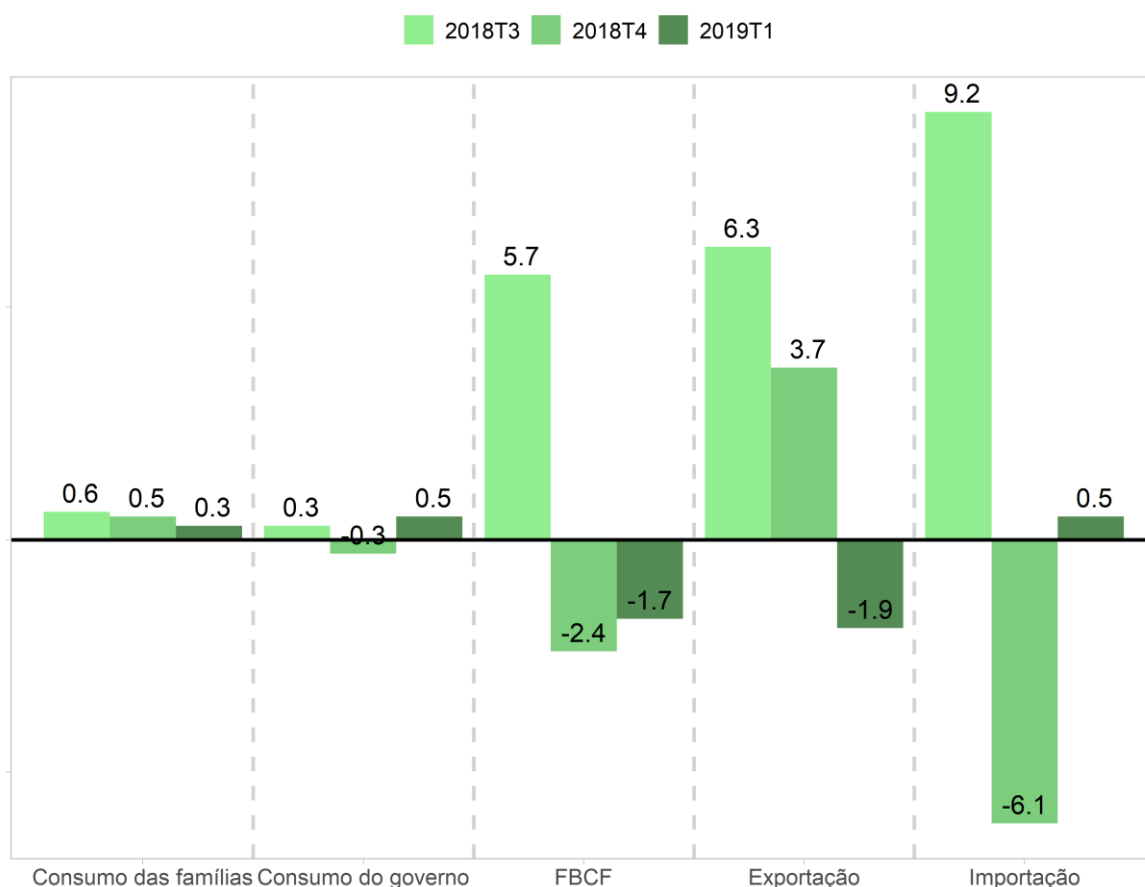


Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan com dados do IBGE

Pela ótica de demanda, prevaleceu o recuo na formação bruta de capital físico (-1,7%). Trata-se da segunda retração seguida do indicador nesta base de comparação. Todavia o cenário é mais dramático quando se observa o comportamento ao longo dos últimos anos. Em relação ao segundo trimestre de 2013, quando registrou o nível mais elevado da série histórica iniciada em 1996, o investimento acumulou retração de 28,5%.

Adicionalmente, o consumo das famílias – importante componente da demanda interna – vem apresentando avanços cada vez menores. Por um lado, este cenário é reflexo do mercado de trabalho ainda pouco dinâmico, com elevada taxa de desemprego – 12,7% segundo a PNAD/IBGE. Por outro lado, cabe notar o expressivo recuo da confiança do consumidor em leituras mais recentes. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC/FGV) recuou 5,1 pontos, em março, passando para 91 pontos. Trata-se do menor nível desde outubro de 2018. No acumulado de fevereiro a março, a perda alcançou 5,6 pontos ou cerca de 42% da alta registrada entre outubro de 2018 e janeiro de 2019.

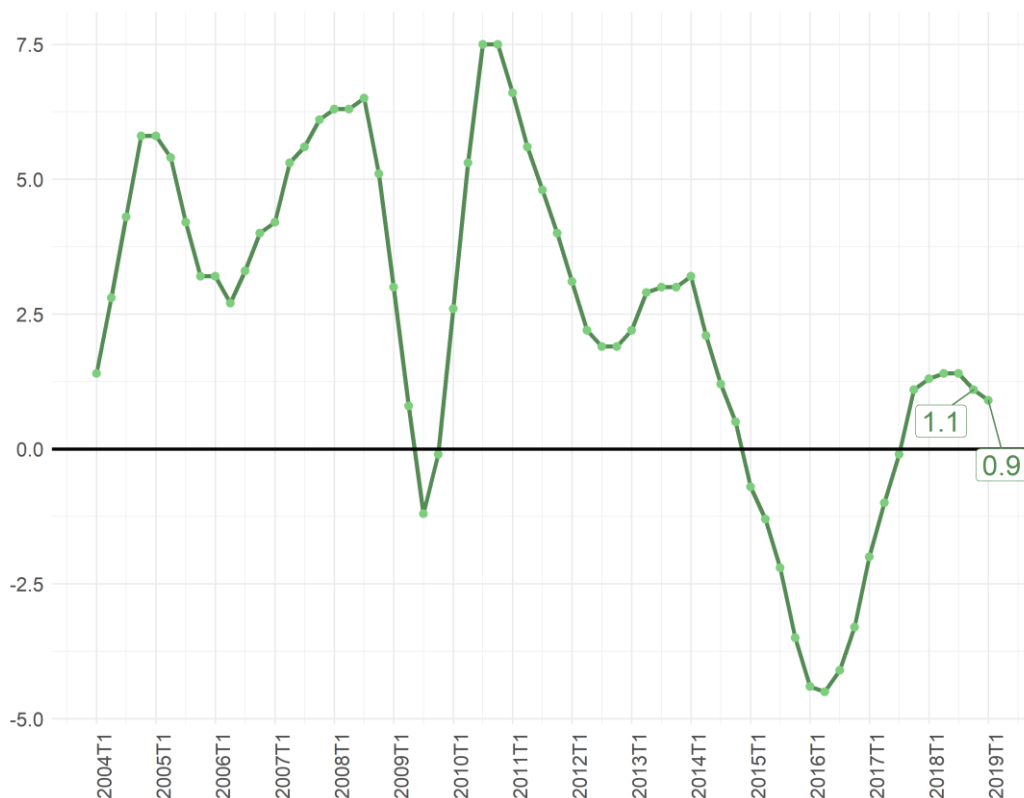
**Gráfico 02** – Crescimento do Produto Interno Bruto: ótica demanda - Brasil - Variação no trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%) – com ajuste sazonal



Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan com dados do IBGE

Com o resultado consolidado, o PIB encerrou o primeiro trimestre de 2019 com variação de 0,9% no acumulado em quatro trimestres. Em especial, nota-se uma perda gradual de fôlego na atividade a partir do final de 2017 e início de queda no terceiro trimestre de 2018.

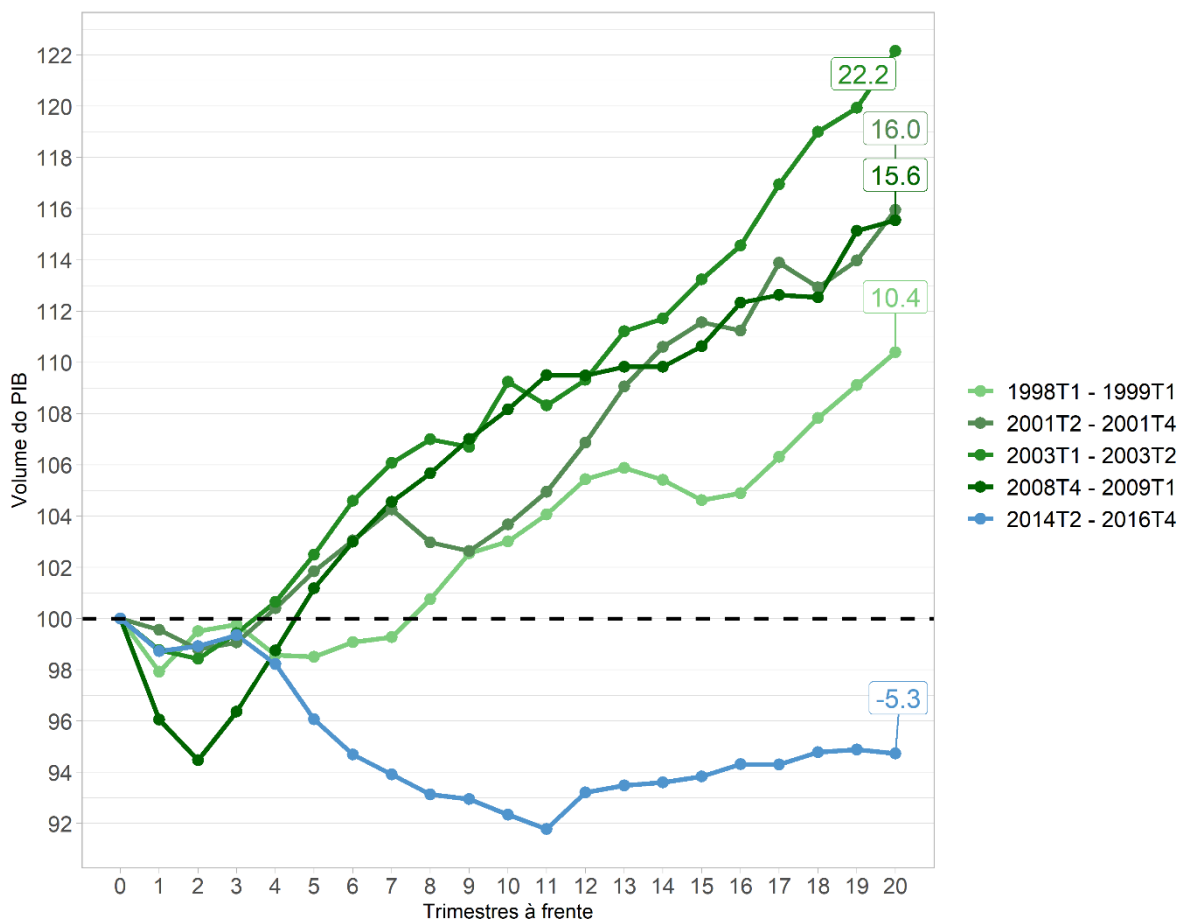
**Gráfico 03** – Crescimento do Produto Interno Bruto: variação acumulada em quatro trimestres (%) – Brasil - 1T2014 a 1T2019



Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan com dados do IBGE

Este quadro é agravado pelo fato de que a economia brasileira passou recentemente por uma longa e profunda recessão da qual ainda não conseguiu se recuperar. Em particular, desde o início da última recessão no segundo trimestre de 2014, o volume do PIB acumulou queda de 5,3%. Trata-se de uma realidade bem distinta daquela observada em outros episódios de recessão, quando a atividade apresentou - cerca de três trimestres após o início da recessão - trajetória de recuperação sustentada.

**Gráfico 04** – Evolução do PIB após recessões mais recentes – Variação Acumulada % do volume do PIB Brasil – Períodos Seleccionados



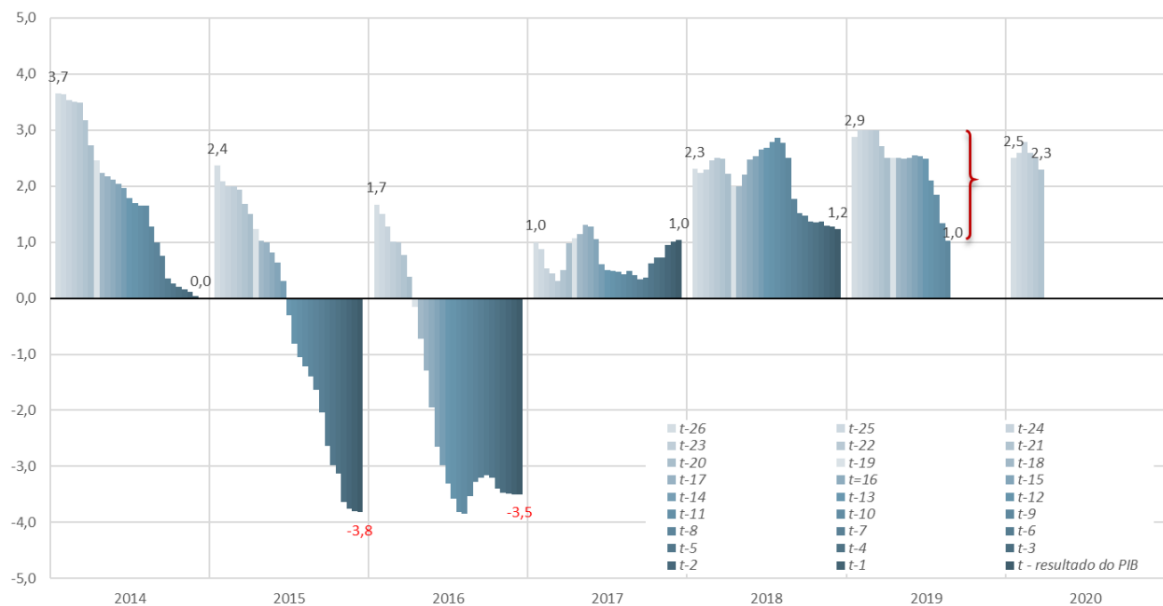
Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan com dados do IBGE e Codace/FGV

Ainda, vale destacar a deterioração das expectativas para o crescimento do PIB em 2019 observada desde o início do ano. De acordo com dados do *Boletim Focus* do Banco Central, a mediana das expectativas para o crescimento do PIB em 2019 era próxima a 2,9% no início do ano.<sup>2</sup> No início de junho, este valor já havia caído para menos da metade, figurando em torno de 1%. Em que pese à magnitude e à velocidade das revisões, cabe notar que para 2020 o cenário inicial sofreu pouca alteração. Portanto, os agentes do mercado parecem avaliar o fraco desempenho da economia brasileira como transitório ou, em grande medida, com chances de ser revertido por desdobramentos aguardados para o decorrer do ano, como a reforma da previdência.

<sup>2</sup> Acesso em 12/06/2019.



**Gráfico 05** – Expectativas de mercado para o crescimento anual do PIB (%) – Brasil - 2014 a 2020



Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan com dados do *Boletim Focus/BCB*; *t* é o mês que o IBGE divulga o resultado do PIB Brasil; *t-1* é a média das expectativas um mês antes, *t-2*, dois meses antes, e assim sucessivamente até *t-26* que ocorre 26 antes de sair o resultado do PIB, isto é, média das expectativas de janeiro do ano anterior (por exemplo, as expectativas para 2014 em *t-26* é a média das expectativas de janeiro de 2013).

### 3. Mercado de trabalho

O mercado de trabalho acompanha a trajetória da economia brasileira, com dificuldade em gerar postos de maneira sustentada. Em especial, a taxa de desocupação medida pela PNADc/IBGE encerrou o primeiro trimestre de 2019 em 12,7%, ligeiramente abaixo da verificada no mesmo trimestre de 2018 quando foi de 13,1%. Em termos absolutos, são 13,3 milhões de pessoas desocupadas. Na série com ajuste sazonal, por sua vez, a taxa segue estacionada em 12,1% pelo terceiro trimestre consecutivo.<sup>3</sup>

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged/MT) ratificam o cenário mais fraco neste início de ano. Mais especificamente, foram gerados cerca de 314 mil postos formais no acumulado do quadrimestre até abril. Este valor foi cerca de 16% inferior ao observado no mesmo período de 2018, quando foram criadas pouco mais de 374 mil vagas formais.

### 4. Inflação

O nível geral de preços medido pelo IPCA, que havia encerrado 2018 em 3,75% – abaixo, portanto, do centro da meta de 4,5% – avançou nos primeiros meses de 2019 e registrou 4,66% no acumulado em 12 meses até maio. Em grande medida, este movimento refletiu o comportamento do grupo alimentação e bebidas, impactado, sobretudo, pelo excesso de chuvas do início do ano. Entretanto cabe notar que as medidas de núcleo seguem comportadas, com evolução bem mais modesta do que aquela observada no índice

<sup>3</sup> O ajuste sazonal foi realizado pelo método X-13-Arima do pacote *seasonal* para linguagem R utilizando as configurações padrão.

cheio. Adicionalmente, a mediana das expectativas do *Boletim Focus* para o IPCA em 2019 é de 3,89%.<sup>4</sup> Portanto, as informações disponíveis sugerem que as pressões observadas até o momento foram localizadas e que o nível geral de preços deve apresentar queda ao longo do ano.

## 5. Política fiscal

No que diz respeito às contas públicas, os dados divulgados pelo Banco Central apontam avanços em relação ao observado no final do ano passado. Mais especificamente, o déficit primário do Governo Central foi de R\$112,7 bilhões (1,62% do PIB) no acumulado em 12 meses até abril ante R\$116,1 bilhões (1,70% do PIB) em dezembro de 2018. O INSS continua pressionando esta conta, com elevação de R\$3,6 bilhões no déficit registrado entre os dois períodos. No lado do estoque, houve crescimento da dívida bruta do governo geral, a qual alcançou 78,8% do PIB em abril deste ano ante 77,2% em dezembro de 2018.

---

<sup>4</sup> *Boletim Focus* de 13/06/2019.

## Seção IV

# Atividade Econômica do Distrito Federal<sup>1</sup>

### 1. Sumário

A leitura do Idecon/DF apresenta quadro favorável no primeiro trimestre, ainda que a recuperação da recessão, vivida pelo país e também pela economia local, seja lenta. Na comparação com o mesmo trimestre de 2018, houve avanço de 1,4% no indicador. No que diz respeito aos grandes setores da atividade, a Agropecuária variou 3,4%, os Serviços, 1,5% e a Indústria voltou a registrar retração, com -0,6%.

As pesquisas setoriais, divulgadas pelo IBGE, corroboram esse comportamento do início de 2019. A Pesquisa Mensal do Comércio Ampliada (PMC) aponta tímida variação positiva, de 0,7% no volume do comércio varejista ampliado, freando a trajetória de queda. A Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS), por sua vez, registrou elevação de 2,3% no volume dos serviços, sendo o destaque o segmento de tecnologia da Informação. Também, consistente com o observado em nível nacional, a Administração Pública apresentou crescimento de 1,2%.

Entre os indicadores auxiliares destaca-se a expansão do saldo de crédito a pessoas físicas no primeiro trimestre, que influencia o consumo das famílias no Distrito Federal. Como pontos negativos, cita-se a debilidade da trajetória do saldo de crédito a pessoas jurídicas – com redução desde 2015 – e a retração das exportações do DF, especialmente da indústria de baixa tecnologia e da cultura de soja.

Assim, a economia do DF tem mostrado uma aceleração em sua trajetória, ainda que seja de baixo vigor. Contudo as expectativas do empresariado local (comércio e indústria)<sup>2</sup> mostram certo desânimo após os primeiros três meses do ano. O mercado de trabalho e o comportamento dos preços corroboram esse movimento.

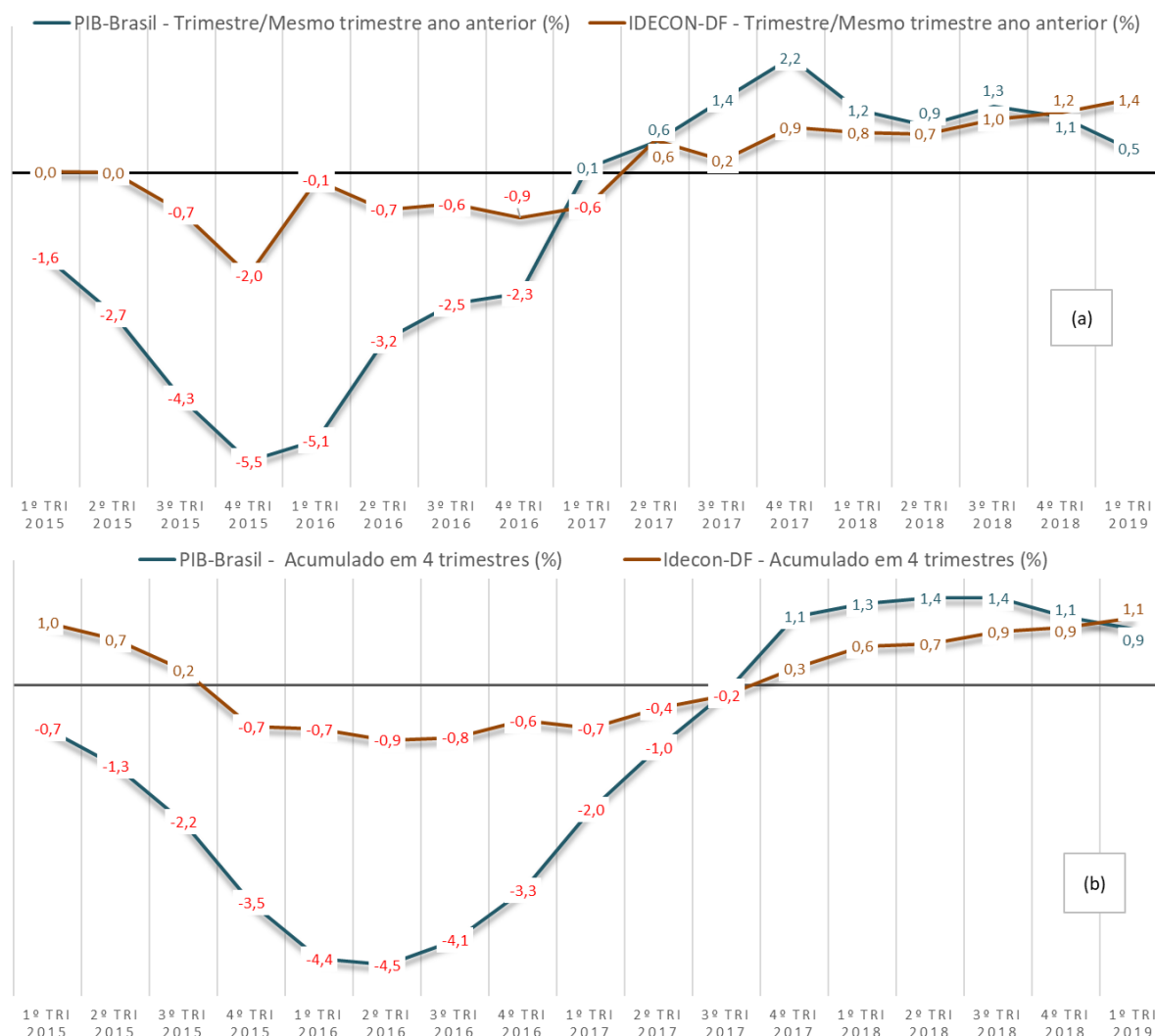
<sup>1</sup> Esta seção faz parte do *Boletim de Conjuntura do Distrito Federal*, divulgado com informações econômicas trimestrais sobre a região. A partir de 2019, as seções serão divulgadas à medida que os indicadores se tornarem disponíveis, oferecendo uma análise mais recente.

<sup>2</sup> Índice de Confiança do Empresário do Comércio do DF – Fecomércio/CNC e Índice de Confiança do Empresário Industrial do DF -ICEI-DF - FIBRA

## 2. Índice de Desempenho Econômico do Distrito Federal – Idecon-DF

A economia do Distrito Federal continua a mostrar pouco vigor em sua trajetória de recuperação econômica, contudo tem apresentado uma leve aceleração ao longo dos trimestres. Desde o segundo trimestre de 2018, a economia tem tido resultados progressivos, e, no primeiro trimestre de 2019, a leitura do Idecon-DF apresentou alta de 1,4% quando comparado ao primeiro trimestre de 2018. Cabe notar que este é o segundo resultado do Idecon-DF com variação percentual acima da variação do PIB do Brasil (calculado pelo IBGE) desde 2016. (Gráfico 01 (a)) A taxa acumulada em quatro trimestres mostra que o Brasil vem desacelerando seu nível de atividade desde o terceiro trimestre de 2018 e o DF, ainda não (Gráfico 01 (b)).

**Gráfico 01 - PIB-Brasil e Idecon-DF – Primeiro Trimestre de 2015 a Primeiro Trimestre de 2019 - Taxa Trimestral (a) e Taxa acumulada em Quatro Trimestres (b) – Variação (%)**

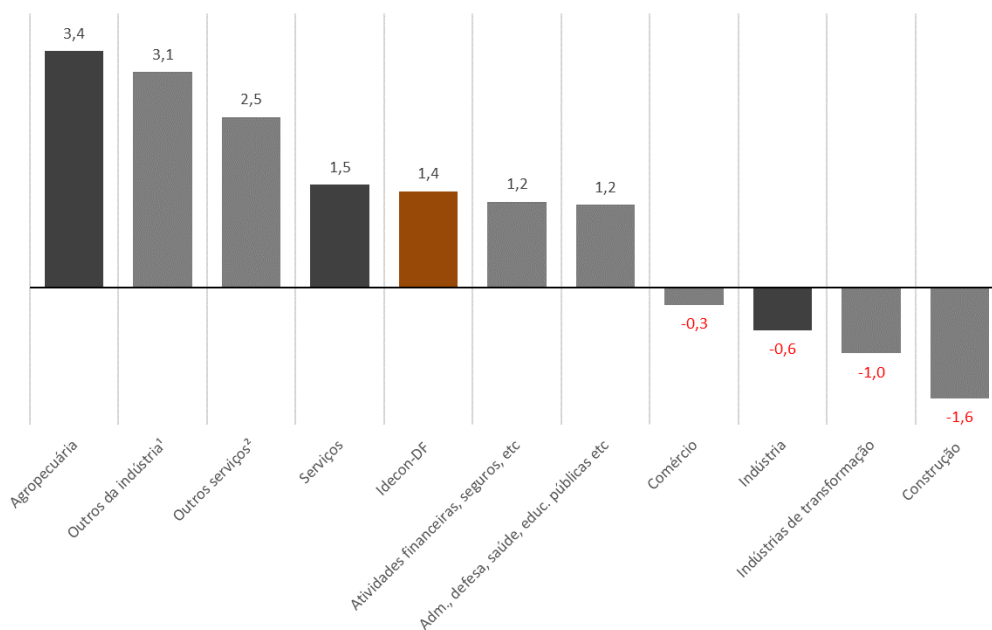


Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

No primeiro trimestre de 2019, o Idecon-DF apresenta resultados diversos entre os setores. A Agropecuária registrou aumento de 3,4% na comparação com o mesmo trimestre do ano passado (que havia sido de retração) e a Indústria mostrou redução de 0,6% em seu volume de atividades. Já os Serviços, responsável por 94,9% da economia do DF, cresceu 1,5%, numa leve aceleração de sua trajetória.

Na agropecuária, o registro foi positivo quando comparado ao primeiro trimestre de 2018, quando houve queda. No Brasil, a agropecuária mostrou leve retração de 0,1%. A redução da produção anual de culturas como o arroz, a soja e o fumo foi preponderante para o resultado negativo do setor. As culturas de feijão e de milho foram os destaques da produção local, com aumento de área plantada e de quantidade produzida.

**Gráfico 02** - Variação Trimestral (%)- IDECON-DF – Distrito Federal – Trimestre em relação ao mesmo trimestre no anterior – Primeiro Trimestre de 2019



Fonte: Codeplan. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

<sup>1</sup>Extrativa mineral e Eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana. <sup>2</sup>Alojamento e alimentação; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Educação e saúde mercantis; e Serviços domésticos; Transporte, armazenagem e correio e Atividades imobiliárias.

A Indústria voltou a mostrar redução, após ter tido um resultado positivo no quatro trimestre de 2018. O Idecon-DF registra uma retração de 0,6% quando comparado ao mesmo trimestre de 2018. De acordo com a FIBRA, os indicadores de confiança do empresário industrial vem mostrando uma trajetória de queda desde janeiro de 2019, indicando um incremento do pessimismo entre o empresariado industrial<sup>3</sup>.

Na desagregação por segmentos industriais, a Construção e a Indústria de transformação mantêm suas trajetórias de retração, com -1,6% e -1,0%, no primeiro trimestre de 2019, respectivamente. Cabe mencionar também a redução das exportações de alguns produtos alimentícios industrializados nos primeiros três meses do ano que também influenciaram esse resultado<sup>4</sup>. Já o agregado Outros da indústria, que inclui tanto a Indústria Extrativa como as Atividades de Serviços de Utilidade Pública, mostrou elevação de 3,1%. Em nível nacional, esse resultado também foi positivo, e a bandeira tarifária de energia elétrica da cor verde nos três primeiros meses do ano é apontada como sendo a razão para tal desempenho.

<sup>3</sup> Índice de Confiança do Empresário Industrial do Distrito Federal ICEI-DF – Maio de 2019 - <https://www.sistemafibra.org.br/fibra/produtos-e-servicos/pesquisas-economicas/indice-de-confianca>

<sup>4</sup> Quando se analisa as categorias das mercadorias exportadas, os produtos classificados como sendo da indústria de transformação no DF mostram uma queda de mais de 50% na comparação entre o primeiro trimestre de 2019 e o primeiro de 2018.

Já em relação aos Serviços, o comportamento do setor é de leve aceleração da trajetória ao longo do tempo. Entre as desagregações possíveis, observa-se que somente o segmento de Comércio registrou retração de 0,3%. A administração, defesa, saúde e educação públicas mostrou elevação de 1,2% quando comparada ao mesmo trimestre do ano anterior. O segmento de atividades financeiras, responsável por quase 15% do PIB do DF registrou expansão de 1,2%, sendo um dos protagonistas para esse crescimento do Idecon-DF na comparação com o mesmo trimestre de 2018.

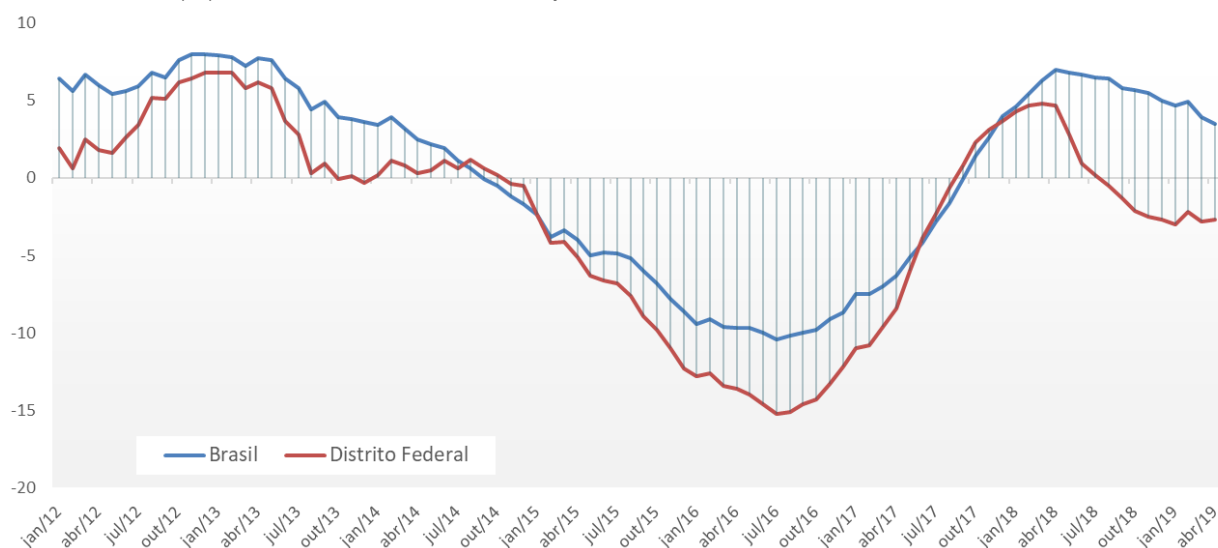
Conforme visto, os números do Idecon-DF mostram uma economia em trajetória ascendente, porém em ritmo bastante cadenciado, fato que vem alongando o processo de recuperação econômica. Contudo é importante enfatizar que o Idecon-DF não registra números negativos desde 2016 nesta base de comparação, indicando que a trajetória positiva é robusta. A seguir serão analisadas duas pesquisas conjunturais do IBGE que detalham melhor o desempenho do comércio no trimestre e do setor de Serviços não financeiros.

### 3. Comércio

A leitura dos dados da Pesquisa Mensal do Comércio Ampliado (PMC), divulgada pelo IBGE, continua a ratificar o cenário de contração do Comércio, já indicado no Idecon/DF. Cabe lembrar que o indicador de comércio do Idecon/DF diz respeito ao comércio varejista e atacadista, enquanto a PMC Ampliada diz respeito somente ao varejo. Os números da PMC Ampliada apresentam um resultado negativo no acumulado em 12 meses que tem sido recorrente desempenho do comércio do Distrito Federal. Essa contínua retração no volume de vendas tem mantido o DF em última colocação entre as Unidades Federativas no acumulado em 12 meses.

No Gráfico 03, é possível observar um descolamento das vendas locais em relação à trajetória brasileira, principalmente, em 2018. Nota-se ainda que, desde o início de 2019, a trajetória tem-se mostrado mais estável e mais em consonância com o movimento nacional, porém ainda em terreno negativo.

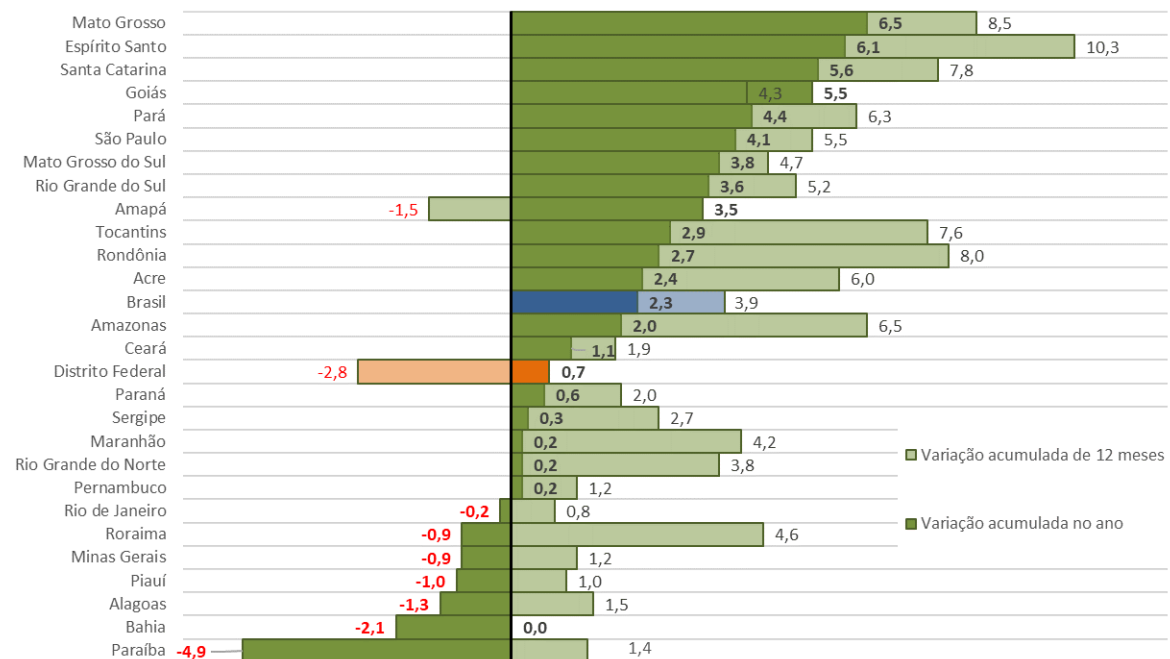
**Gráfico 03** - Variação acumulada em 12 meses do volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado – (%) – Brasil e Distrito Federal – jan/12 a abr/19



Fonte: IBGE. Elaboração: GeconDieps/Codeplan

A maior estabilidade observada na trajetória do acumulado em 12 meses se reflete no acumulado do primeiro trimestre de 2019, com uma pequena variação positiva de 0,7% quando comparado ao primeiro trimestre de 2018. A média nacional para o trimestre foi de 2,3%, sendo que alguns estados expandiram seu volume de vendas em mais de 5%. (Gráfico 04).

**Gráfico 04** - Volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado - Acumulado no ano e em 12 meses – Variação % – Brasil e Unidades Federativas – Primeiro Trimestre de 2019

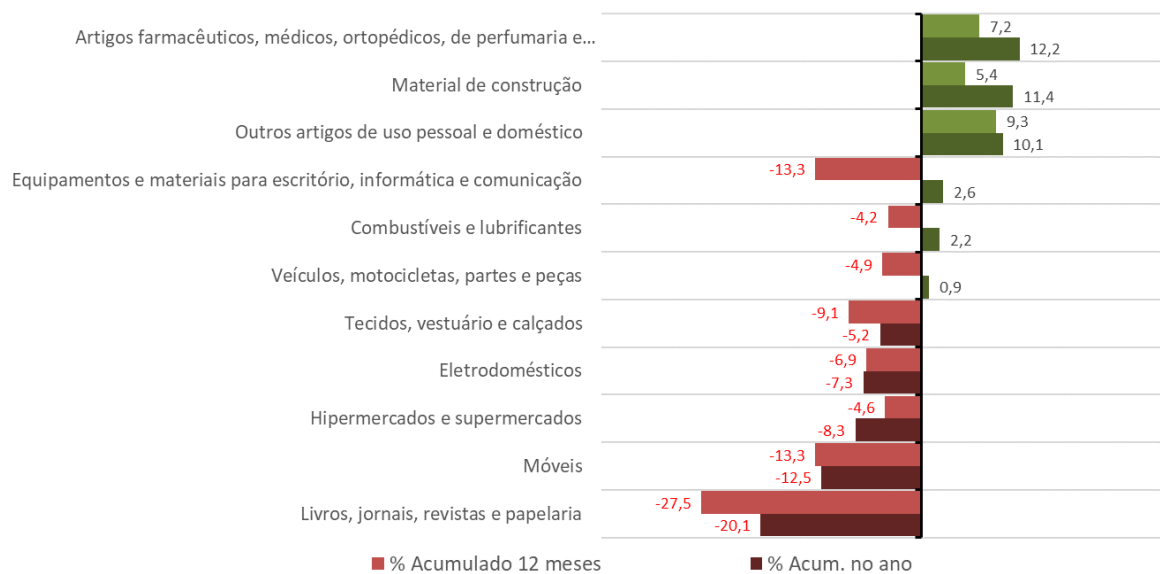


Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

Na análise desagregada, é possível verificar que o resultado positivo do trimestre foi concentrado em poucos segmentos, o que explica a timidez da variação. São três segmentos que mais se destacam: Artigos de farmácia e Artigos de uso pessoal que vêm mostrando recuperação do nível de volume desde meados de 2017 e Material de Construção que mostra variação positiva constante nas pesquisas mensais de comércio desde o início de 2017. Cabe a menção de que este segmento pode ter relação com a construção civil, porém sua relação principal é com os serviços residenciais, de reparos, consertos e reformas.

Do lado negativo, destaca o segmento de Livros, jornais, revistas e papelaria, que é um mercado em crise em todo o país e, localmente, tem registrado a saída de grandes estabelecimentos da região. O Gráfico 05 apresenta os detalhes. O segmento de móveis, após alguns meses em alta no ano passado, voltou ao terreno negativo. Já o comércio de veículos, partes e peças, apesar da retração registrada em 12 meses, mostrou leve expansão de 0,9%, freando sua trajetória de queda. O mesmo ocorreu com o comércio de combustíveis e lubrificantes.

**Gráfico 05** - Variação do volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado por segmentos – Taxa trimestral (%) – Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Distrito Federal - Primeiro Trimestre de 2019



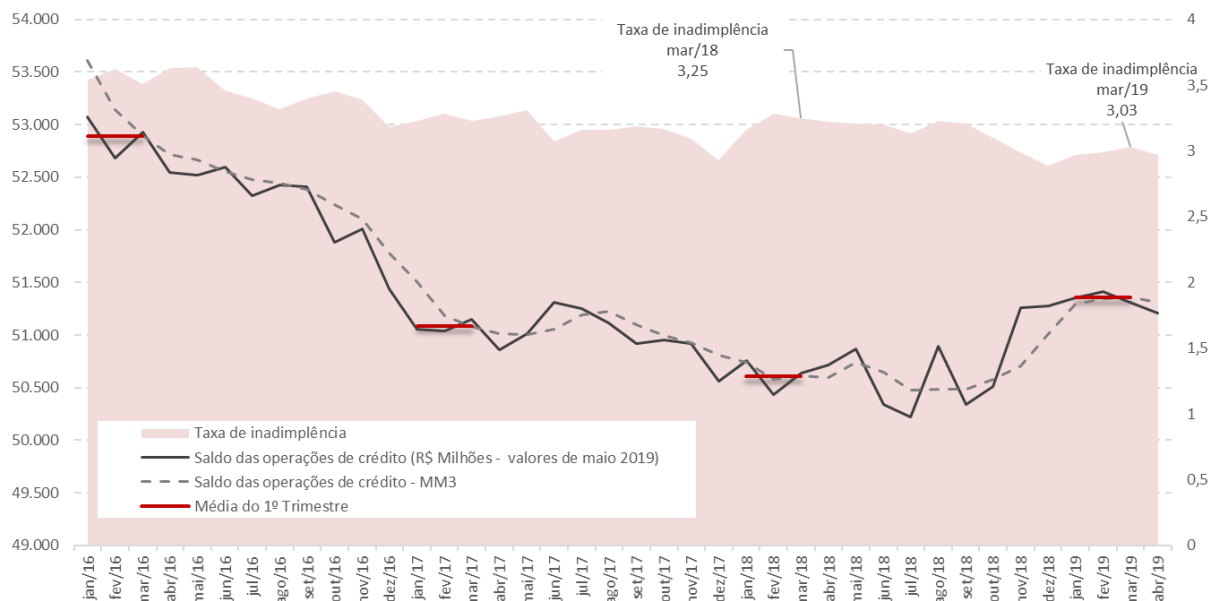
Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

A PMC é uma pesquisa que só avalia o comércio varejista local, isto é, vendas realizadas localmente a consumidores finais. Ela poderia, em um primeiro momento, ser uma medida do consumo das famílias do Distrito Federal. Há, contudo, outros indicadores que também podem informar sobre o consumo local. Entre eles, citam-se o crédito à pessoa física, a taxa de inadimplência e a massa de rendimentos. A evolução do saldo de crédito a pessoas físicas no DF em valores reais e a taxa de inadimplência são apresentadas no Gráfico 06. Observa-se uma clara evolução quando comparado ao mesmo período do ano passado, ainda que a média móvel de três meses aponte para uma desaceleração na média móvel de três meses.

Do mesmo modo, quando se compara a taxa de inadimplência de março de 2018 com março de 2019, observa-se uma redução importante, verificada desde meados do ano passado e que indica uma melhora no quadro financeiro das famílias do Distrito Federal.



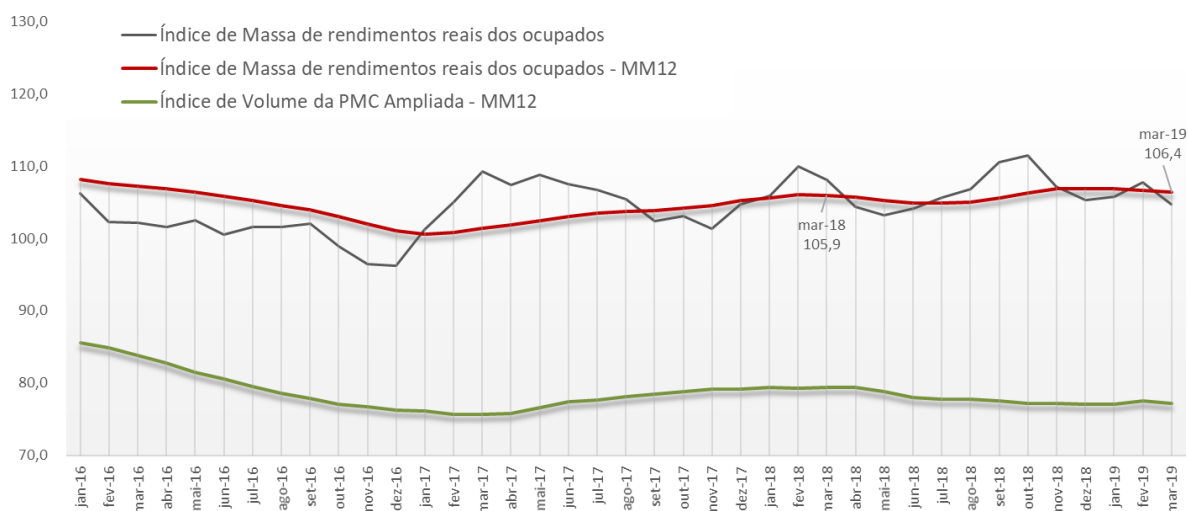
**Gráfico 06** - Saldo de crédito a pessoas físicas (R\$ valores a preços de maio de 2019) e taxa % de inadimplência de pessoas físicas – jan/16 a abr/19 – Distrito Federal



Fonte: BCB – Séries Históricas – Elaboração Própria

Já a massa de rendimentos, que se relaciona com o potencial de consumo das famílias locais, não tem mostrado a mesma evolução positiva. Após a queda verificada até o início de 2017, houve uma recuperação da massa, porém os primeiros meses de 2019 mostram certa estabilidade desde novembro de 2018, o que pode ser observado pela média móvel de 12 meses. Essa tendência deve ser vista com preocupação devido, principalmente, à sua relação com o comércio varejista que aponta para uma correlação positiva entre os dois indicadores.

**Gráfico 07** - Massa de rendimentos reais dos ocupados – PED/DF e Volume de comércio ampliado – PMC Ampliada – Número-índice 2012 = 100 – jan/16 a mar/19

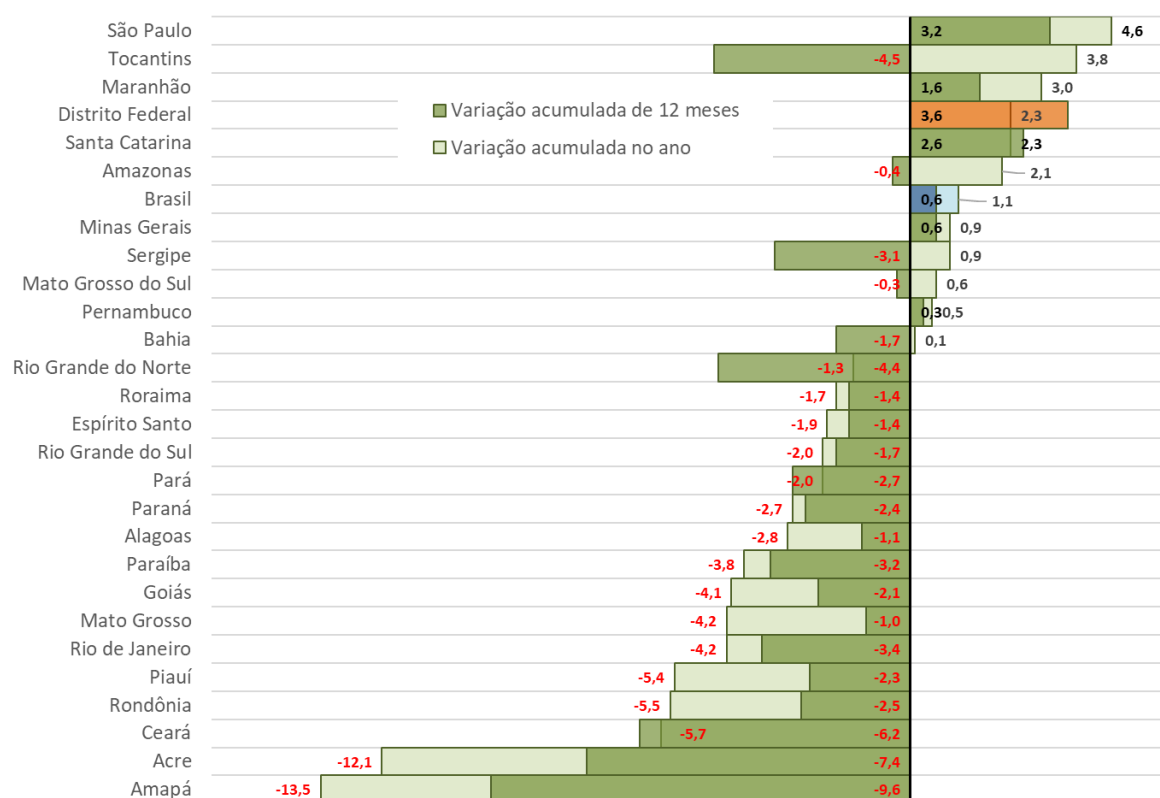


Fonte: Convênio: Dieese/Seade-SP/MTE-FAT/Setrab-GDF/Codeplan. PED-DF - Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal

#### 4. Serviços não financeiros

A leitura da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE) mostra um cenário mais próximo ao reportado pelo indicador “Outros Serviços” do Idecon/DF<sup>5</sup>. Mais especificamente, houve avanço de 2,3% da PMS no primeiro trimestre de 2019 frente ao primeiro trimestre de 2018, enquanto o indicador do Idecon/DF para esses serviços mostrou uma variação de 2,5% no mesmo período, corroborando o desempenho do segmento. Na comparação com as demais regiões pesquisadas, o Distrito Federal registrou o quarto melhor desempenho trimestral entre as UFs e superior à média nacional, de 1,1% (Gráfico 08).

**Gráfico 08** - Variação do volume de Serviços - Acumulado no ano e em 12 meses– Variação % – Brasil e Unidades Federativas – Primeiro Trimestre de 2019

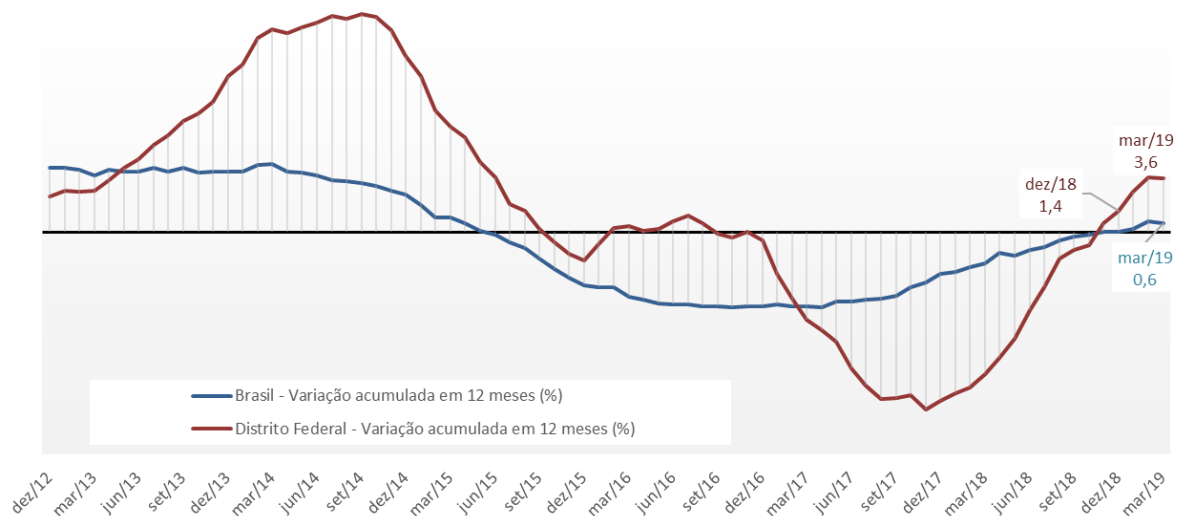


Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

O acumulado em doze meses mostra a trajetória de recuperação iniciada no final de 2017 no Distrito Federal (Gráfico 09). Esse resultado é relevante na medida em que o setor privado de Serviços não financeiros é responsável por parcela significativa da atividade no Distrito Federal – cerca de 35%, de forma que o seu crescimento influencia profundamente a economia local.

<sup>5</sup> A Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE é composta por segmentos de serviços, porém não inclui Administração, Defesa, Saúde, Educação Públicas e Seguridade Social, não inclui atividades financeiras e não inclui o Comércio. Dessa maneira, a comparação da PMS deve ser feita com o indicador de “Outros Serviços” do Idecon-DF.

**Gráfico 09** - Variação acumulada em doze meses do volume de Serviços – (%) – Brasil e Distrito Federal – janeiro 2015 a março 2019

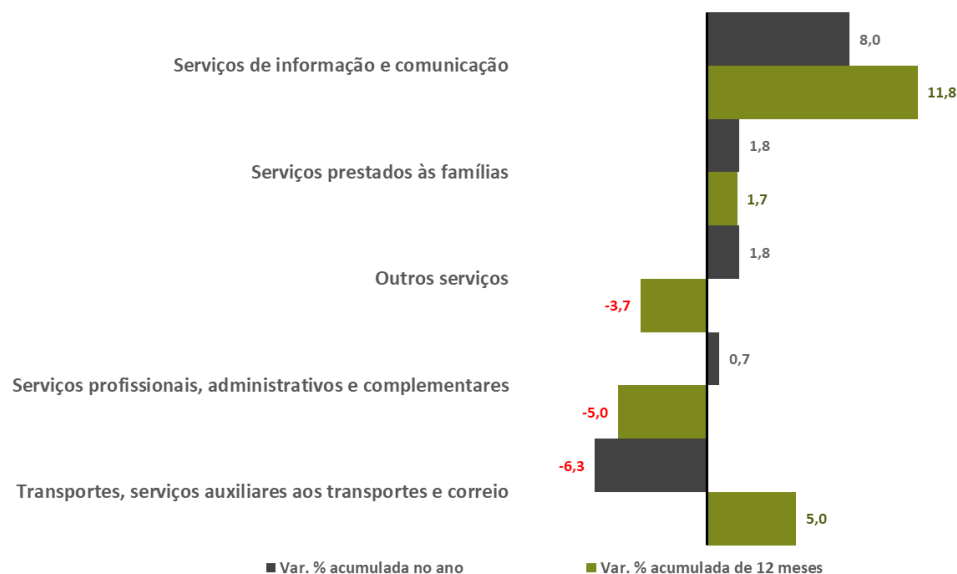


Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

Na análise desagregada, nota-se que quase todos os segmentos tiveram variação positiva. Os Serviços de informação e comunicação (11,85%) foram os responsáveis pelo resultado do primeiro trimestre, com alguma ajuda do segmento de Serviços prestados às famílias (1,8%). O único resultado negativo é o do segmento de Transportes, com retração de 6,3% na comparação com o primeiro trimestre de 2018.

A análise em 12 meses ratifica o desempenho positivo dos Serviços de Informação e Comunicação, tendo tido bom desempenho o segmento de TI em nível nacional. E cabe mencionar a retração de 5% dos serviços profissionais, administrativos e complementares, que em geral são consumidos por empresas, sinalizando menor demanda.

**Gráfico 10** - Variação do volume de Serviços - acumulado no ano e em 12 meses– Segmentos de Serviços Variação % – Distrito Federal – Primeiro Trimestre de 2019



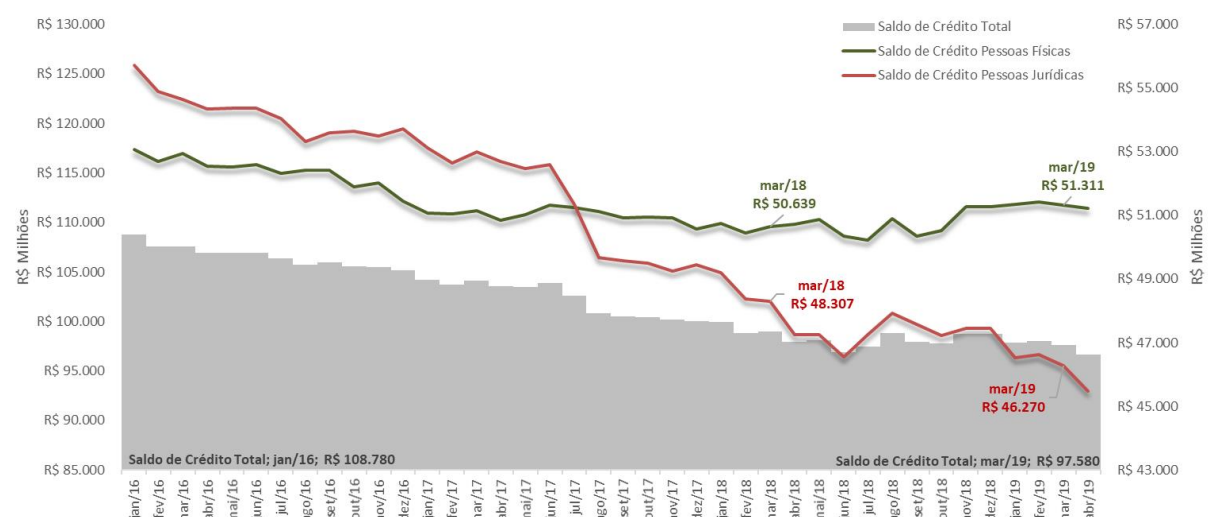
Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan

## Indicadores auxiliares

Um dos indicadores que auxiliam na análise do desempenho econômico do Distrito Federal é o saldo de crédito. É possível observar no Gráfico 11 a redução do saldo de crédito total a pessoas jurídicas ao longo do tempo. Em relação ao primeiro trimestre de 2018, os primeiros três meses de 2019 mostraram quase uma estabilidade no saldo total de crédito, com variação negativa de -1,4%. A movimentação financeira e o financiamento de famílias e empresas refletem-se diretamente no nível de atividade econômica da região, uma vez que o crédito financia investimentos, consumo das famílias e o capital de giro de empresas para manutenção de suas atividades rotineiras.

Em relação a pessoas jurídicas, no primeiro trimestre de 2019, verifica-se uma redução de 4,4% no saldo de crédito trimestral. Na comparação do saldo de março de 2019 e março de 2018, a diferença é de R\$ 2 bilhões a menos. O crédito financia não apenas os investimentos das empresas mas, também, o capital de giro, duplicatas e consumo intermediário das empresas, esse menor montante de operações de crédito implica menos recursos para a manutenção das atividades econômicas do Distrito Federal.

**Gráfico 11** - Saldo das operações de crédito (R\$ valores a preços de maio de 2019) – pessoas físicas e pessoas jurídicas – jan/16 a abr/19 – Distrito Federal

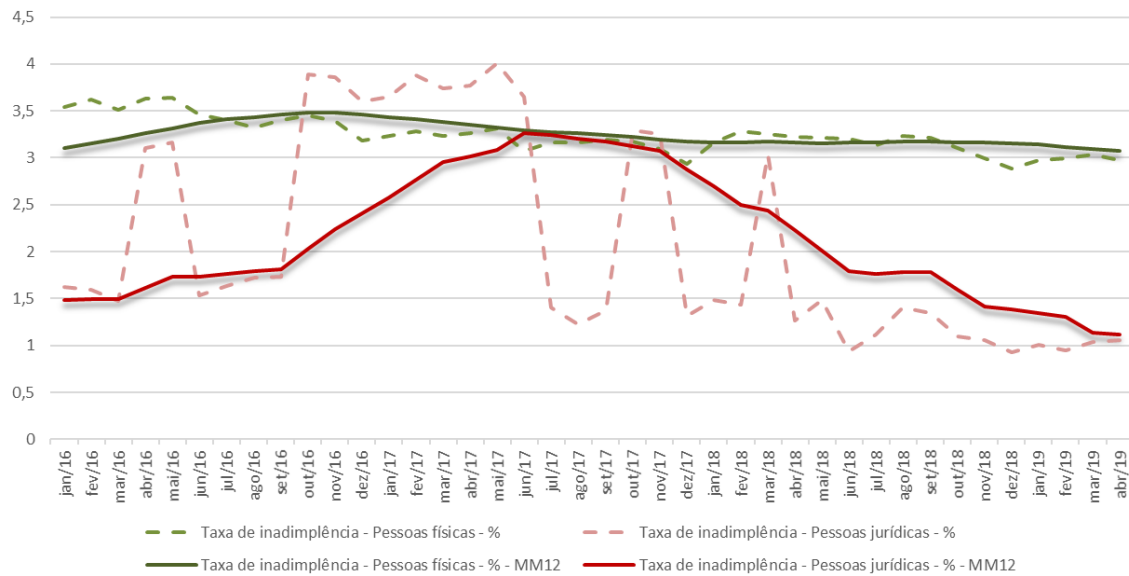


Fonte: BCB – Séries Históricas – Elaboração Própria

Note-se ainda que o saldo de crédito a pessoas físicas desde meados de 2017 tem sido maior em valores absolutos do que o saldo de crédito a pessoas jurídicas, mostrando o pouco fôlego do setor produtivo na economia local. Cabe mencionar que o crédito à pessoa física tem a característica de ser mais estável, provavelmente, devido à sua característica peculiar de possuir uma massa salarial baseada em salários do setor público.

A estabilidade do crédito a pessoas físicas é também observada na taxa de inadimplência que, apesar de se mostrar mais elevada do que a taxa das pessoas jurídicas, oscila menos, e vem-se mantendo em patamar semelhante desde janeiro de 2016. Já a taxa de inadimplência de pessoas jurídicas praticamente dobrou durante o ano de 2017 e desde então tem estado em trajetória de queda. Sua média histórica é de 1,7%, de forma que o percentual de 1,09% registrado em março de 2019 está bem abaixo do que se espera.

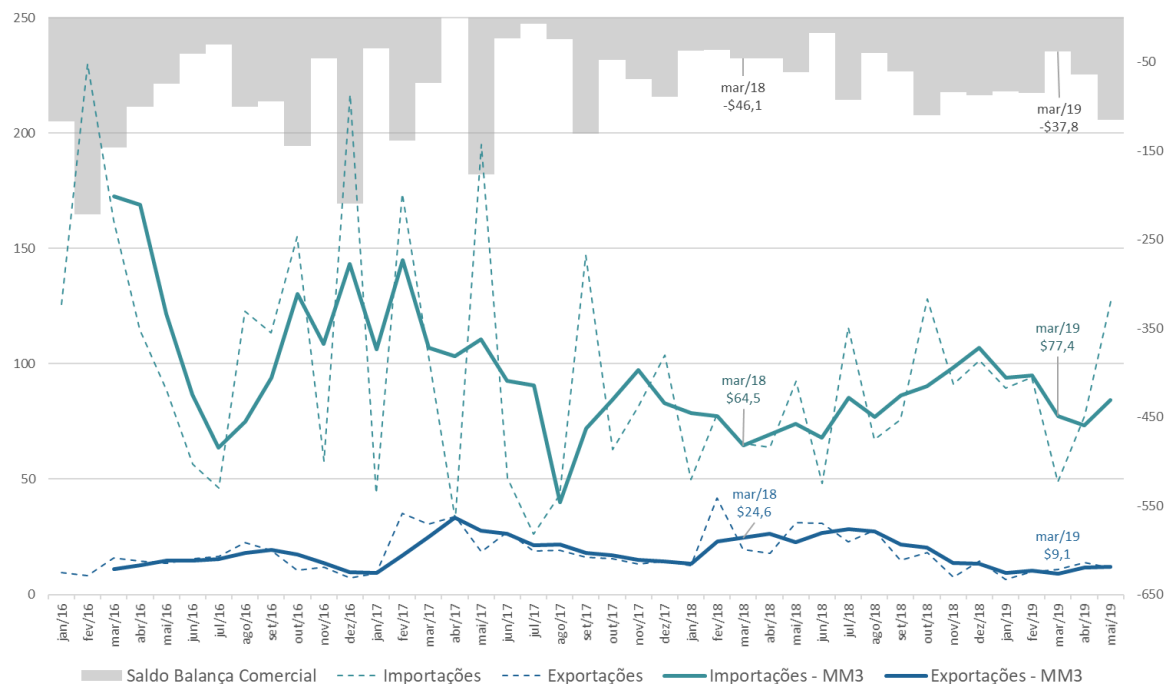
**Gráfico 12** – Taxa de inadimplência das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (%) – pessoas físicas e pessoas jurídicas – jan/16 a abr/19 – Distrito Federal



Fonte: BCB – Séries Históricas – Elaboração Própria

Outro indicador que auxilia no diagnóstico da economia local são as transações do DF com o resto do mundo. Os números agregados do comércio exterior para o DF estão apresentados no Gráfico 13. Houve um aumento das importações no primeiro trimestre de 2019 quando comparado ao mesmo período de 2018, ainda que as operações de importação estejam abaixo do patamar histórico. Cabe lembrar que as principais importações do DF dizem respeito a medicamentos e vacinas, isto é, compras públicas que têm por destino todo o país, e este é o motivo de o DF registrar saldo negativo de sua balança comercial desde 1997.

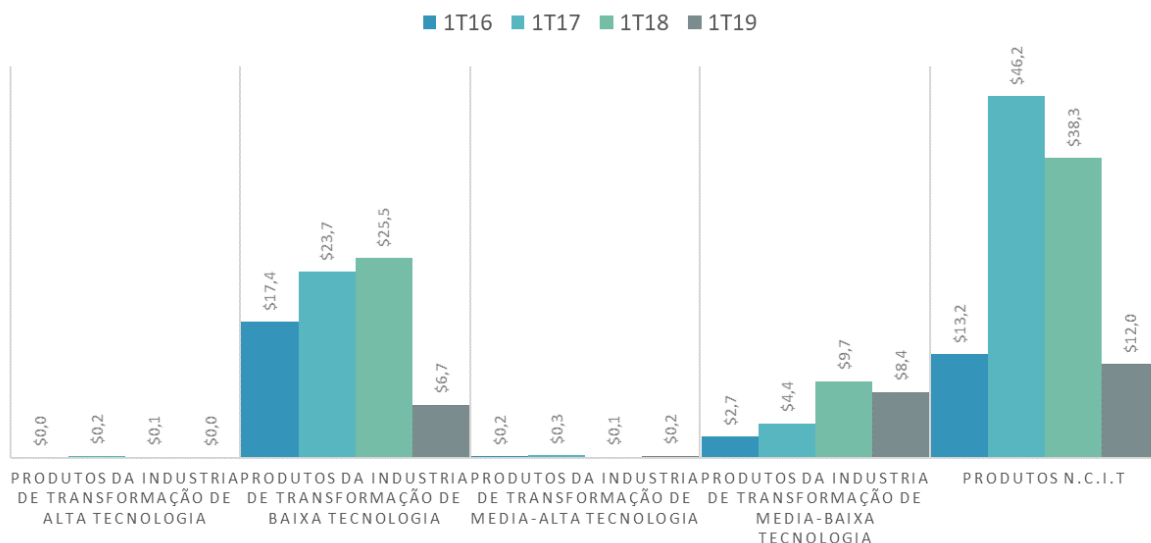
**Gráfico 13** – Valor US\$ FOB – Importações, Exportações e Saldo da balança comercial – jan/16 a mai/19 – Distrito Federal



Fonte: Comex Stat – Séries Históricas – Elaboração Própria

As exportações, por outro lado, mostram uma situação mais preocupante. Houve queda de 63% das exportações no primeiro trimestre de 2019. As exportações do DF são distribuídas entre exportações de mercadorias produzidas pela indústria de transformação e aquelas que não o são. A queda verificada no primeiro trimestre ocorreu tanto entre os produtos da indústria, principalmente de baixa tecnologia, como nos produtos não classificados como indústria, que, no caso do DF, são preponderantemente produtos do setor primário, especialmente, a soja. Assim, os números das exportações estão condizentes com retrações na indústria, identificada no Idecon/DF, e na produção de soja, identificada na LSPA/IBGE.

**Gráfico 14** – Valor US\$ FOB – Exportações por classificação de intensidade tecnológica – Primeiro Trimestre de 2016, 2017, 2018 e 2019 – Distrito Federal



Fonte: Comex Stat – Séries Históricas – Elaboração Própria

Desta maneira, a análise dos principais indicadores de atividade mostra a economia do Distrito Federal ainda recuperação gradual, embora os números da economia nacional sejam menos alentadores. Cabe lembrar que a economia do DF possui menor dinamismo, de forma que sua reação a uma retração ou a uma expansão da economia brasileira é mais lenta e de menor magnitude. Adicionalmente, nota-se que a recuperação da economia do DF não é homogênea e apresenta-se com maior vigor no setor de Serviços. Este vem sendo responsável pela maior parte da geração de postos formais no DF de acordo com registros do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Do lado do consumo, percebe-se uma leve melhora nas vendas do varejo quando comparado ao mesmo período do ano passado, e parte dessa explicação reside no aumento do crédito a pessoas físicas. De outro lado, o consumo das empresas, que pode ser identificado em alguns segmentos, como o de serviços complementares, tem mostrado retração, possivelmente influenciado também pela diminuição do crédito a pessoas físicas.

# Seção V

## Projeções 2019<sup>1</sup>

### 1. Sumário

A Codeplan, no intuito de aprofundar a análise da economia do Distrito Federal, dá continuidade à divulgação de suas projeções para variáveis econômicas de interesse. Esta edição conta com projeções para o **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/IBGE)**, **Índice de Volume do Comércio Varejista Ampliado (PMC/IBGE)** e **Taxa de Desocupação medida pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED/Codeplan – Dieese)**.

De maneira bem geral, estas variáveis refletem, respectivamente, a evolução dos preços, da atividade econômica e do mercado de trabalho no Distrito Federal. Cabe ressaltar que os valores projetados são obtidos por meio de ferramentas estatísticas e da construção de cenários, ambos sujeitos a incertezas inerentes aos métodos empregados e aos desenvolvimentos ao longo do tempo.<sup>2</sup> Portanto, os valores apresentados devem ser considerados com cautela e serão revisados a cada nova edição do boletim de acordo com o conjunto de informações disponível.

### 2. Evolução da atividade: Comércio

O Índice de volume do comércio varejista ampliado (PMC/IBGE) encerrou 2018 com variação de -2,7% na comparação com os doze meses imediatamente anteriores. Para 2019, nossa projeção é de variação de -2,2%. A revisão para baixo em relação à projeção de -1,7% da edição anterior se justifica pelas leituras, no início deste ano, terem sido um pouco piores que as antecipadas. Adicionalmente, cabe destacar o recuo recente em indicadores de confiança do consumidor e da atividade em nível nacional.

---

<sup>1</sup> Esta seção faz parte do *Boletim de Conjuntura do Distrito Federal*, divulgado com informações econômicas trimestrais sobre a região. A partir de 2019, as seções serão divulgadas à medida que os indicadores se tornarem disponíveis, oferecendo uma análise mais recente.

<sup>2</sup> A metodologia para geração das previsões será divulgada em breve. A versão de desenvolvimento está sendo construída com o nome rafa: *R Automatic Fore casting Algorithm* e está disponível no github: <https://github.com/leripio/rafa>



### 3. Evolução dos preços: IPCA.

O IPCA do Distrito Federal encerrou 2018 em 3,06%. Para 2019, o valor projetado é de 4,0%. Por um lado, o valor de 3,27%, projetado na edição do quarto trimestre de 2018, contribuiu para revisão da alta observada no início do ano no grupo alimentação no domicílio em virtude, sobretudo, de fatores climáticos. Por outro, o conjunto de preços administrados deve apresentar contribuição menor que o previsto anteriormente, em grande medida por conta do menor avanço na energia elétrica. Em particular, além de não serem esperados os reajustes extraordinários ocorridos em 2018, o volume de chuvas neste primeiro semestre revelou-se mais favorável do que nos anos anteriores, impactando diversos preços da economia.

### 4. Evolução do mercado de trabalho: PED.

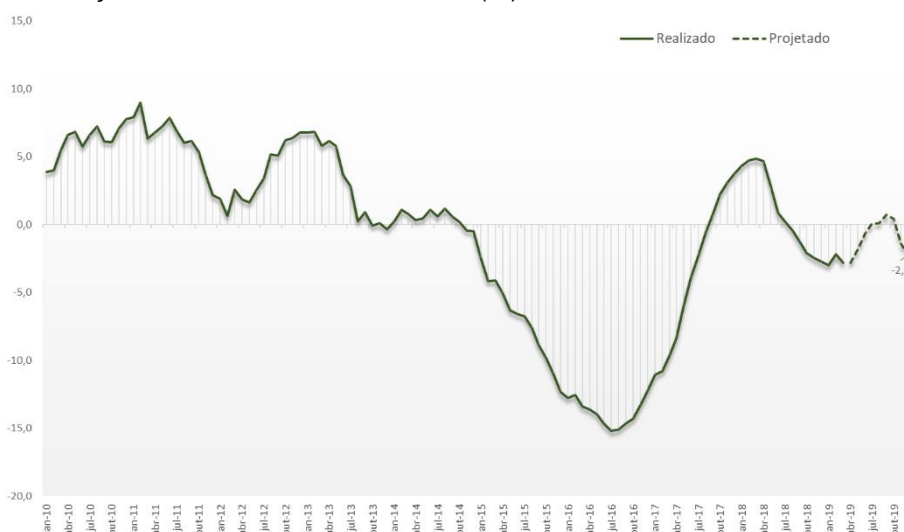
A taxa de desocupação medida pela PED encerrou 2018 em 18,3%. Para o final de 2019, nossa projeção é de 18,2% - tecnicamente igual à projeção da edição anterior (18,3%). De maneira geral, a evolução da taxa de desocupação tem seguido trajetória bastante estável e a lenta recuperação da economia deve produzir efeitos ainda modestos sobre a geração de empregos ao longo do ano.

**Tabela 01** – Valores realizados em 2018 e projetados para 2019. Variáveis selecionadas – Distrito Federal (%)

	IPCA	PED	PMC
<b>2018</b>	3,06	18,3	-2,7
<b>2019</b>	↑ 4,0	↓ 18,2	↓ -2,2

Fonte: elaboração própria com dados do IBGE. Projeções: Gecon/Codeplan

**Gráfico 01** - Índice de volume de vendas no comércio varejista ampliado - Distrito Federal  
Variação acumulada em doze meses (%)



Fonte: elaboração própria com dados do IBGE. Projeções: Gecon/Codeplan

**Gráfico 02** - IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - Distrito Federal  
Variação acumulada em doze meses (%)

Projeção IPCA* (contribuição em p.p)	2019
Livres (s/ passagens aéreas)	2,64
Passagens aéreas	0,31
Monitorados	1,05
Total	4,00

Fonte: elaboração própria com dados do IBGE. Projeções: Gecon/Codeplan

**Gráfico 03** - Taxa de desocupação (%) - Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED/DF) - Mensal



Fonte: elaboração própria com dados da PED. Projeções: Gecon/Codeplan